



Estrelas Tortas

WALCYR CARRASCO

Capa e ilustrações de: Getúlio Delphin
Editora Moderna, 1997
ISBN 85-16-01596-3

Digitalizado por SusanaCap
www.portaldetonando.com.br/forumnovo/



SUMÁRIO

1. Gui	3
2. Mariana	16
3. Bira.....	24
4. Aída.....	31
5. Gui	48
6. Emílio	57
7. Bruno.....	62
8. Gilda.....	70
9. Marcella	79
10. Gui.....	86
ORIENTAÇÃO DE LEITURA	89

1. Gui

"Sua irmã nunca mais vai andar."

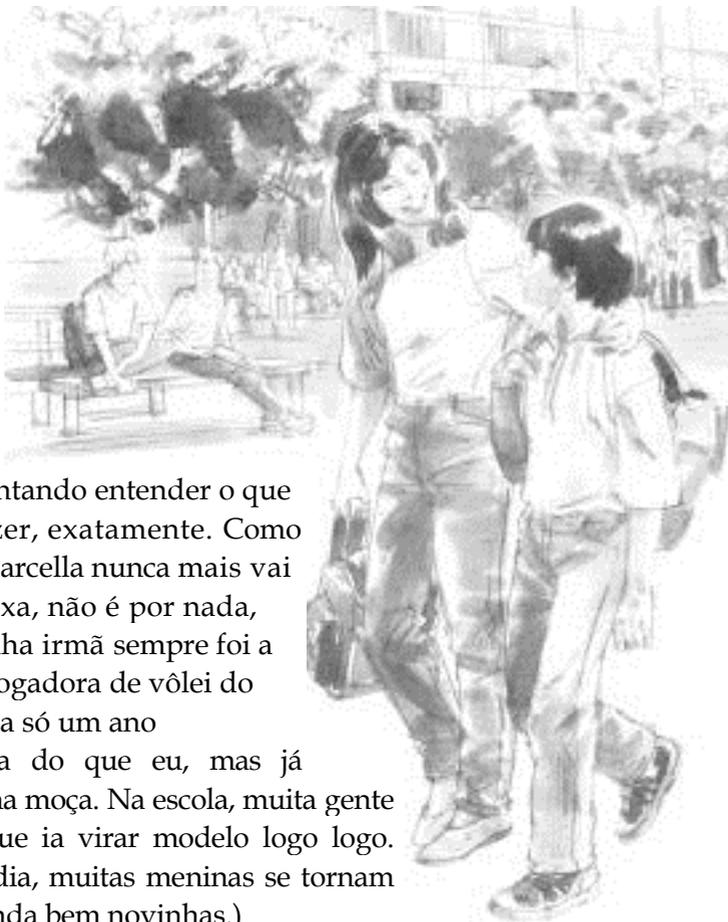
Foi assim que papai me deu a notícia.

Quando ele falou, fiquei um

tempão tentando entender o que queria dizer, exatamente. Como assim, a Marcella nunca mais vai andar? Puxa, não é por nada, mas a minha irmã sempre foi a principal jogadora de vôlei do colégio. Era só um ano

mais velha do que eu, mas já parecia uma moça. Na escola, muita gente pensava que ia virar modelo logo logo. (Hoje em dia, muitas meninas se tornam modelo ainda bem novinhas.)

Marcella era também minha companheirona. Sei lá, pode até parecer que sou covarde, mas a Marcella vivia me protegendo, desde pequeno. Talvez porque, quando eu era bem criança,



Tive bronquite alérgica. Nem lembro bem como era, mas dizem que eu tossia tanto que até tinham medo de que eu botasse o pulmão pra fora. Desde então, ela cuidava de mim. Sempre me ajudava nos trabalhos da escola. Principalmente nos de Matemática, porque nunca fui muito bom com números. Na saída da escola, se a molecada vinha com brincadeira boba, como roubar mochila, ela dava uma bronca, e não deixava. A turma vivia brincando, porque a Marcella era superatlética, das melhores em Educação Física, e eu, não. Nunca fui bom de gol. Pra dizer a verdade, quando os capitães iam escolher os times, eu sempre ficava por último.

E por isso que não conseguia acreditar. Como, justamente a Marcella, nunca mais ia poder andar? Não podia ser verdade.

Tudo tinha acontecido tão depressa, que eu ainda estava fazendo esforço para entender. Na sexta-feira passada, mamãe e Marcella tinham saído para visitar vovó Gilda. Ela morava numa cidade bem perto da nossa, só uma hora e meia de estrada. Eu não pude ir, porque tinha muito trabalho de escola e minhas notas andavam péssimas. Mamãe disse que voltaria no dia seguinte. Eu ainda falei, quando saíram:

— Pede pra vovó fazer rosquinhas!

Sempre que mamãe a visitava, vovó mandava uns doces deliciosos.

De madrugada, acordei com umas batidas na porta. Era a vizinha, que a gente mal conhecia, porque tinha se mudado para o bairro havia pouco tempo. Ouvi quando meu pai atendeu. Falaram rapidamente. Estava chamando para atender um telefonema urgente. Meu pai saiu.



Eu sabia que alguma coisa estava acontecendo. Ninguém telefona para ninguém de madrugada. Ainda mais na casa da vizinha! A palavra *urgente* me dava medo. Fiquei na cama, de olhos abertos, curioso. Dali a pouco meu pai entrou, apressado.

– Guilherme, levanta depressa. Tenho de sair. Telefonaram para dona Matilde. Sua mãe e sua irmã sofreram um acidente. Vou deixar você na casa da vizinha.

Aí eu tive certeza de que o problema era grave. Meu pai só me chama de Guilherme quando está nervoso. O resto do tempo é Gui.

– Que aconteceu, pai?

– Um caminhão bateu no nosso carro.

Dei um pulo na cama, com uma dor horrível no peito.

– A mãe... a mãe morreu, pai?

Era incrível ver meu pai daquele jeito. Parecia... parecia com vontade de chorar. Eu pensava que homem desse tamanho não chora nunca! Tive vontade de fazer mais perguntas, mas ele já estava abrindo a cômoda e tirando minha roupa.

– Depressa, Guilherme. Vista-se. Eu não posso deixar você sozinho aqui em casa. A dona Matilde disse que você pode passar o resto da noite lá na casa dela.

– Ah, pai, deixa eu ir com você.

– De jeito nenhum. O hospital é frio. Elas estão internadas.

– Pai, deixa, deixa! Eu quero ficar perto da mamãe!

Vi que ele hesitava. Consegui me vestir rapidamente. Corri para o banheiro, escovei os dentes. Acho horrível o gosto ruim na boca, quando a gente acorda. Saímos. Dona Matilde estava na porta da casa dela, com o marido. Meu pai explicou:

– Ele faz questão de ir comigo. Desculpe.

– Que é isso? Coitadinho... deve estar aflito. Mas, se quiser, amanhã ele pode passar o dia com a gente – disse dona Matilde.

O marido abanou um chaveiro.

– Posso levar vocês.

– Não se preocupe, pego um táxi.

Ele insistiu:

– Que é isso? Vocês não vão achar táxi nenhum a esta hora.

Faço questão.

Retirou o carro, entramos. Notei que papai estava em ponto de bala. Nervoso, emocionado. Quando chegamos, o vizinho avisou:

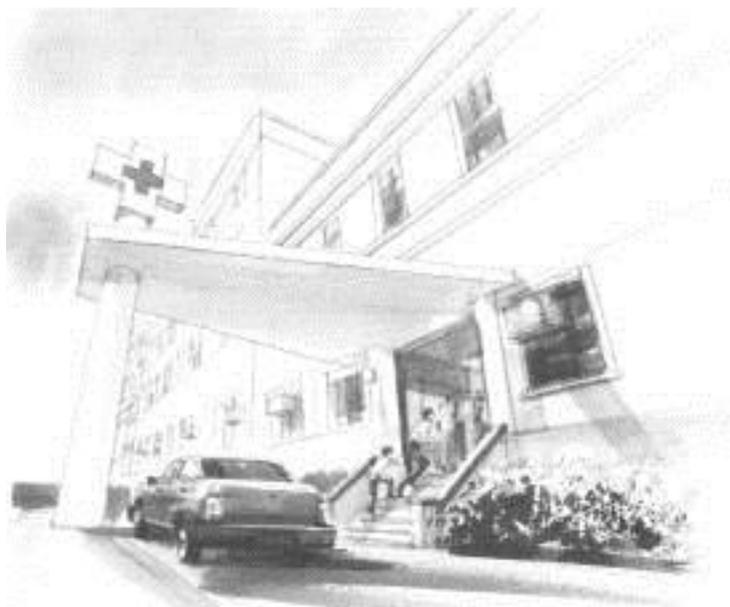
– Conte comigo para o que precisar.

– Obrigado.

Descemos. O hospital estava tão frio que senti até os ossos gelarem. Meu pai foi para a recepção. Explicou quem era. Subimos de elevador até um outro corredor, vazio, sem poltronas, com chão cinza. O médico de plantão veio conversar com a gente, com uma prancheta na mão. Era um rapaz, bem mais novo que meu pai, e parecia cansado. Ouvi quando explicou:

– Pelo que sei, o motorista do caminhão estava dormindo.

Atravessou a estrada e bateu no carro delas. Com o impacto, o carro voou longe. O caminhão perdeu completamente o controle e caiu da ponte.



– E minha mulher? Minha filha?

– Calma... calma, meu senhor. Estamos fazendo o possível. Sua mulher... aqui está... dona Aída... sofreu fratura em um dos braços. Bateu a cabeça, aparentemente sem conseqüências, mas só saberemos amanhã, depois da tomografia. A garota, Marcella... tudo indica que estava sem cinto de segurança. Quando o carro recebeu o choque, a porta se abriu e ela... bem... ela voou pelo ar e caiu no asfalto.

Os dois ficaram um momento em silêncio, se olhando. O médico encheu a boca de ar, como se fosse soprar uma bexiga. Tomou coragem e continuou:

– Sua filha... bem... ela sofreu fratura nas duas pernas... e... também... a medula foi afetada, logo acima da bacia.

Meu pai não estava entendendo. Nem eu.

– Ela está bem? Corre risco de vida?

– Também houve uma batida forte na cabeça, mas tudo indica que é um problema mais leve. O problema... o problema mais sério... é a lesão na medula.

O médico ficou quieto um segundo, procurando as palavras.

– Ainda não podemos avaliar qual a capacidade de recuperação de sua filha. Ocorre que as lesões nas células nervosas... as células nervosas não se recuperam, como as outras. Quando são seccionadas... cortadas, como no caso de sua filha... elas perdem a função.

– Não estou entendendo.

– São as células nervosas que conduzem os impulsos do cérebro por todo o corpo. Os músculos, os membros, funcionam comandados pelo cérebro.

– Claro, isso eu sei.

– O interior da medula é formado por um feixe de células... de nervos... Quando eles sofrem uma lesão... bem... toda a região comandada pára de funcionar. Fizemos os testes com sua filha. .. as plantas dos pés, por exemplo, não reagem à sensação de queimadura... a cócegas...

– Quer dizer que...



Subitamente, meu pai começou a chorar. Fiquei parado, olhando, sem entender o que estava acontecendo. Na hora, toda essa conversa sobre células parecia uma tremenda perda de tempo. Eu queria ver mamãe e Marcella. Só mais tarde, lembrando de cada palavra, consegui entender o que tinha acontecido. Eu só percebia que o médico estava tentando contar alguma coisa a meu pai. Alguma coisa terrível. Pouco depois, papai se acalmou. Entrei com ele numa pequena sala, com paredes de vidro, onde

Marcella estava deitada, sozinha. Parecia adormecida. Suas pernas estavam engessadas. O tronco também. Tinha um curativo na cabeça. Um frasco de soro ao lado da cama, pingando em sua veia. Odiei o cheiro de hospital. Depois, fomos ver mamãe. Estava em outro local. Era uma enfermaria com vários leitos. Adormecida, também com soro na veia, um braço enfaixado e um curativo na testa.

– Mamãe! – eu disse.

Ela não me ouviu, é claro. Fomos para o saguão... o médico disse que não adiantava ficar ali, porque elas passariam a noite sob cuidados. Não acordariam, devido aos remédios. Papai sentou-se em um sofá verde, muito sujo. Fiquei a seu lado.

– O que aconteceu com Marcella, papai? O que o médico disse?

Ele me abraçou apertado.

– Depois a gente conversa.

– Ela... e mamãe... elas vão morrer?

– Não, querido. Logo estarão de volta pra casa.

Abraçei papai, preocupado. Mas também estava exausto. morrendo de sono. Ele me deitou no sofá, deixou que mergulhasse a cabeça no seu colo. Adormeci.

Acordei muito, muito cedo com o barulho. A entrada do hospital estava cheia de gente falando, gritando, chorando. Macas com pessoas feridas, transportadas de um lado pro outro. Papai me levou, pela mão, até uma lanchonete. Pediu uma média para cada um e um pão com manteiga.

– Gui, daqui a pouco você vai poder falar com sua mãe.

Talvez, também, com a Marcella. Mas, depois, você vai embora. Durante a noite, localizei sua avó, e ela deve chegar no ônibus das nove. Vem direto para cá, e vai levar você pra casa.

– Quero ficar aqui, pai!

– Mais tarde eu também vou tomar um banho e dar uma passada no trabalho, para explicar o que está acontecendo. Vou avisando: não teime. A situação é grave, Gui. Muito grave.

– Você disse que a mamãe estava fora de perigo! E a Marcella também.

– Só que...

Ele hesitou.

– É melhor que você saiba de uma vez. Sua irmã nunca mais vai andar.

Ele disse que era importante sermos muito corajosos. Que inclusive, mamãe ainda não sabia nada sobre isso, e ele teria de contar. Seria muito difícil, porque, afinal de contas, mamãe é que estava no volante quando tudo aconteceu. Eu deveria ser forte. Todos precisariam da minha ajuda.

Fiquei comovido. É claro que iria ajudar papai!

Quando foi permitido, subimos. Mamãe estava meio acordada, meio dormindo. Papai pegou sua mão.

– Aída!

– Bruno!

Eu me aproximei.

– Mamãe...

– Querido... e a Marcella?

– Está bem, Aída. Está muito bem. Agora você precisa descansar.

Mamãe já estava fechando os olhos. Adormeceu quase imediatamente. Mais tarde, nem se lembraria dessa visita.

Voltamos ao saguão. O médico preferia que Marcella não tivesse muitas visitas, pelo que entendi. Vovó Gilda chegou logo, desesperada, com os olhos vermelhos. De tão nervosa, precisou ser acompanhada pelo meu tio Marcos, irmão de mamãe. Ouviu as notícias, e chorou mais ainda. Depois, meu tio nos levou para casa.

Quando parti, no táxi, ainda vi a figura de papai, desolado, de pé naquele saguão frio.



Os dias seguintes foram uma tortura. Vovó instalou-se em nossa casa. Ainda bem, porque senão teríamos ficado sem roupa limpa, sem comida, sem nada! Papai voltou ao trabalho, mas passava todo o tempo livre no hospital. Mamãe foi liberada depois de três dias. Teve sorte: só o problema no braço, que sarou com alguma rapidez. Marcella demorou mais. Pelo que soube mais tarde, foi necessária uma operação para colocar a coluna no lugar. Caso contrário ficaria, também, com as costas tortas. Quando, finalmente, voltou para casa, ainda tinha as pernas engessadas.

Foi chocante: não era mais a irmã que eu conhecia. Tinha se transformado em outra pessoa. Marcella era alegre, divertida. Agora, deitada na cama, ficava de cara fechada o tempo todo. Quando eu ia falar com ela, dava respostas curtas. Não queria saber de papo.

O ambiente em casa era horrível. Mamãe vivia chorando pelos cantos.

– Foi minha culpa. Se não tivesse resolvido viajar de noite...

Vovó também se lastimava:

– Se não tivessem resolvido me visitar...

A melhor coisa que papai fez foi acabar com os comentários:

– Vocês duas, vamos parar com esse negócio de a culpa foi minha, se eu tivesse feito isso ou aquilo... Agora não adianta mais.

Mamãe revoltou-se:

– Credo, Bruno, parece que você não tem coração!

– Chega, de uma vez por todas! A gente precisa olhar pra frente. Aída, temos que fazer muita coisa... A Marcella vai precisar de tratamento constante, fisioterapia... Quando o seguro devolver o dinheiro do carro, vou completar para comprar uma perua.

– Isso é hora de pensar em modelo de cano, Bruno?

– É sim, Aída. Só uma perua consegue transportar uma cadeira de rodas.

Mamãe começou a chorar de novo. Não podia nem ouvir talar em cadeira de rodas. Nem Marcella:

– Eu não quero cadeira de rodas!

- Filha, você vai precisar – explicava papai, paciente.

– Eu quero voltar a andar!

- Marcella, quem sabe um dia... a medicina está progredindo muito... mas por enquanto...

– Eu fico na cama! Fico na cama o resto da vida!

Marcella estava insuportável. Minha vida também. Tudo que era bom, era oferecido a ela. Vovó só fazia os doces de que ela gostava. A televisão foi para o quarto dela. Pior, perdi o meu! Pois, agora, eu dormia no chão, e vovó na minha cama. Ainda por cima, roncava. Quando pedi pro papai comprar uma cama nova pra mim, ele abanou a cabeça.

– Não vai dar, filho. Vou precisar de muito dinheiro para...

Marcella, sempre Marcella! Eu não podia passar perto da porta do quarto, que ela gritava:

"Gui, me traz um copo d'água. Gui, me arruma uma laranja!"

Gui, Gui! Onde estava aquela irmã tão legal?



Agora eu ia sozinho pra escola. Não suportava mais quando a turma perguntava: "É verdade que sua irmã virou parálitica?"

Um dia, o Duda disse que a Marcella tinha ficado aleijada. Deu uma raiva tão grande que parti pra cima do linguarudo. Rolamos no chão. Mordi a orelha dele, quase ficou sem um pedaço. Estávamos longe da escola, mas havia muita gente do colégio vol-



tando pra casa pela mesma calçada. Foi a sorte, porque me agarraram antes que eu almoçasse a orelha do Duda. Alguém levou Duda para casa (no outro dia ele apareceu com a orelha toda enrolada em um curativo). Ouvi uma voz do meu lado:

– Gui, que besteira! Deixe ele falar o que quiser. Não importa. O que vale é que a Marcella está melhorando, não é?

Era a Mariana. Não entendi por que parecia tão interessada. Era da mesma classe da Marcella, mas as duas nunca foram grandes amigas. Fazia um ano, não sei por quê, tinham brigado.

– Sabe, Gui, ando com vontade de ver a Marcella. Tudo bem aparecer na sua casa?

Pensei um pouco. No início, é claro, todas as amigas mais próximas tinham passado por lá, e até levaram uma caixa de bombons, presente de toda a turma do colégio. Mas a Marcella estava sempre sem vontade de conversar. As amigas ficavam sentadas a seu lado, um tempão, e a conversa não saía. Marcella parecia sem vontade de receber visitas. Mesmo assim, dei força:

– Vai sim, Mariana.

Minha irmã passava os dias inteiros olhando pro teto, e isso não era legal.

Dias depois, Mariana apareceu. Trouxe um presente. Um livro. Marcella pôs de lado, sem nem olhar o título direito.

– Obrigada.

E lá ficaram as duas, sem dizer uma palavra.

- Você quer mandar recado pra alguém do colégio, Marcella? – perguntou Mariana, levantando-se.

Até eu fiquei chocado com a reação de Marcella, porque ela começou a gritar.

– Vai, fala que me viu assim! Fala pra todo mundo! Fala pro Bira! Gostou do espetáculo? Gostou da minha cara de palhaça? Gostou de me ver presa nesta cama?

Mariana ficou calada, sem saber o que fazer. Vovó veio correndo da cozinha, mas Mariana fez um gesto, para que não

interferisse. Marcella gritou coisas horríveis. No final, deu um berro:

– Por que foi acontecer uma coisa dessas justo comigo? Por que eu não morri? Por que não morri, Mariana?

Começou a chorar, um choro tão sentido que era de cortar o coração. Mariana sentou-se de novo na cama e abraçou Marcella. E chorou, chorou também.

Foi nesse dia que se tornaram grandes amigas.



2. Mariana

Nem sei direito por que entrei nessa história. Quer dizer, nunca fui do tipo boazinha. Não me dava bem com a Marcella. Brigamos, logo no início do ano, por causa de um doce. Foi assim: a Marcella ganhou uma caixa de bombons do Bira e, no intervalo, ofereceu para várias colegas da classe. Cheguei perto e, quando estava estendendo a mão para pegar um, ela comentou, dando risada:

– Fominha.

Fiquei louca da vida. Soltei o bombom como se tivesse me dado um choque. A Marcella ainda disse:

– Pode pegar. Ajuda no regime.

Foi o máximo da grosseria. Sei que sou meio gordinha e vivo dizendo que nunca mais vou comer doces. Depois, não resisto e mando ver. O pior foi que as outras começaram a rir.

Senti o rosto pegando fogo.

Respondi:

– Muquirana. Coma os seus bombons! Tomara que tenha uma diarréia!

Desde então, nunca mais conversamos. Pra falar a verdade, eu tinha até um pouco de inveja da Marcella. Quando estava na quadra de vôlei, parecia que tinha molas nos pés. Voava. Flutuava. Não é à toa que a maior parte dos garotos do colégio só pensava nela. O Bira, inclusive.



O Bira era o máximo. Eu e todas as garotas da classe tínhamos essa opinião. Ele, ele... nem sei como explicar... era só o máximo. Acho que isso diz tudo. Cabelos castanhos encaracolados. Alto. O peito largo, de tanta ginástica. Era capitão da equipe de basquete. Diziam que ia acabar na televisão, de tão bonito. Às vezes eu olhava no espelho e conferia meu rosto. Feia, eu não sou. Mas nunca me senti páreo pra Marcella. Nunca achei que um sujeito bonito como o Bira pudesse se interessar por mim. Acho que isso, no fundo, me deixava assim, assim... como se o mundo fosse muito injusto comigo. Ninguém olhava pra mim. Todos ainda me tratavam como se fosse uma menina. A Marcella, não. Quando eu soube do acidente, nem quis acreditar. A Celina, uma colega do colégio, comentou:

– Dizem que ela nunca mais vai poder andar.

Fiquei pasma. Como, justo a Marcella? Senti que o mundo era bem mais injusto do que eu pensava. Como, justo ela, tão bonita, tão boa jogadora!

Nas primeiras semanas, eu fiquei sem jeito de ir à casa de Marcella. Afinal, estávamos brigadas. Pensei em me aconselhar com alguém. Sei que podia ter conversado com minha mãe, mas fiquei sem jeito. Minha mãe vivia insistindo para eu não comer tanto doce e, certamente, não ia gostar da história da briga. Finalmente resolvi bater um papo com Alice, a bibliotecária da escola. Gosto muito de ler, e sempre me dei bem com ela. Quem vê a Alice, aquele jeito de senhora, com idade para ser minha mãe, não imagina como é boa de papo. Quando a gente começa a conversar, vê que ela tem a cabeça superaberta. Contei a ela o que tinha acontecido.

– Mariana, tem uma coisa que você precisa entender – disse a bibliotecária.

– Diz, Alice.

– Muitas vezes, a gente briga, discute. Mas nada é tão definitivo assim. Mesmo que a Marcella não tivesse sofrido o acidente, é lógico que vocês voltariam a conversar um dia. Se você não for visitá-la, nesse momento tão difícil, ela vai pensar que você

realmente não gosta dela. Essa briguinha, que no fundo não foi nada, vai se tornar uma coisa importante. Talvez nunca mais vocês voltem a ser amigas.

– Mas como é que eu faço?

– Tome coragem, aperte a campainha da casa dela, e entre. Mesmo que ela esteja de mau humor, resista. Ela deve estar sofrendo muito.

Aí, nem sei por quê, eu tive uma idéia:

– Posso levar um livro pra ela?

A Marcella nunca gostou de ler. Achava uma perda de tempo. Agora, presa na cama, com um colete de gesso, talvez mudasse de opinião. Um livro faz a gente viajar por países desconhecidos, conhecer gente nova... descobrir mundos que estão dentro da gente. Eu e Alice escolhemos um belo romance.





O livro ficou em cima da minha penteadeira. Eu não achava jeito de ir à casa da Marcella. Até que, um dia, vi o Gui, irmão dela, brigando com o Duda no meio da rua, na saída da aula. Era horrível de se ver. O Gui estava transtornado, realmente fora de si, só porque o Duda chamou a Marcella de parálitica. Eu percebi que, no fundo, o Gui não queria aceitar a verdade. Doía saber que não havia solução. Quando eles foram separados, puxei conversa. Disse que queria ir ver a Marcella. O Gui fez uma cara esquisita, achei até que eu não seria bem recebida. Pensei que ele fosse responder que a Marcella não gostava de mim, mas ele disse que eu podia ir.

Ainda precisei de uns dias para tomar coragem, mas fui. No início foi horrível. O ambiente da casa estava pesado como chumbo. A avó, dona Gilda, estava tomando conta da casa. Era impressionante olhar para ela. Parecia desgastada, com o rosto todo vincado pela dor. Gui também estava muito diferente do sujeitinho legal que eu conhecia. Parecia menor... olhando bem, percebi que andava com os ombros encolhidos, meio corcunda. Era como se uma bomba tivesse estourado no meio da casa. Senti um cheiro no quarto da Marcella! Era mofo! Perguntei se podia abrir a janela, e ela disse que não.

— Estou com frio — respondeu, amuada.

A televisão estava ligada e ela nem pegou o controle remoto para abaixar o volume do som. Ofereci o livro, ela pôs de lado sem olhar para o título.

Marcella já estava sem o gesso, seu tronco estava enfaixado. Mal se via, porque ela usava uma camisola larga, de flanela. O pior era a posição na cama. Parecia uma boneca quebrada. Ficava sentada de um jeito estranho, como se não tivesse forças para ficar sequer nessa posição (mais tarde descobri que não tinha mesmo condições de permanecer com a coluna reta sem auxílio). Olhou para mim com uma expressão estranha, que, no início, não consegui identificar. Raiva? Ressentimento? Tentei puxar conversa, não consegui. De repente, ela gritou:

— Gui! Vó!

Ele veio, de mau humor. Percebi que já não suportava ser chamado por ela:

— Que foi, Marcella?

— Xixi!

— Posso ajudar? — perguntei.

Dona Gilda estava entrando no quarto e respondeu:

— Ainda bem que você está aqui!

Só então descobri que Marcella havia perdido o controle de suas necessidades. Ela percebera que estava molhada ao tocar a calcinha com a mão. (Mais tarde passou a usar um absorvente especial, mas naquela época todos ainda estavam aprendendo a lidar com ela.) Ajudéi dona Gilda e Gui a trocá-la. Não foi fácil. Era preciso erguer as

pernas dela — como pesavam! — para trocar a calcinha. Assim como se troca a fralda de um bebê. Fiquei novamente triste, não só por ela, reduzida àquela situação, mas também pelo Gui. Percebi que ele não tinha mais liberdade alguma, pois a avó, sozinha, não dava conta do problema. E era um problema, ah, como era!

Durante toda a minha vida sempre ouvi as pessoas falarem que se deve ter um comportamento natural com um paraplégico. Pode ser, como descobri com Marcella, que a gente consiga viver uma relação legal. Mas também sou contra quem diz que não se deve julgar que é um problema. É um problema, sim, e, se as pessoas considerassem a questão com toda a gravidade, talvez não existissem tantas entradas de metrô sem rampa de acesso para cadeiras de rodas, tantos teatros, tantos cinemas cercados por escadarias.

Eu estava pensando nessas coisas, quando terminamos de cuidar da Marcella. A avó saiu. Quando eu e ela ficamos a sós, Marcella pareceu se transformar num escorpião, porque começou a gritar comigo e a dizer coisas horríveis. Como se eu tivesse ido lá só para ver o estado em que ela estava. Fiquei tão brava que nem tive forças para responder. Levantei-me, imediatamente, decidida a ir embora. Ela não podia me destratar daquele jeito. Afinal, eu tinha ido lá com as melhores intenções.

De repente, ela desabou. Aquela Marcella forte, capaz de vencer uma partida de vôlei com a força de um saque. Aquela Marcella furiosa, capaz de me atingir com palavras duras, de dizer coisas horríveis. Tudo isso desapareceu. Percebi que ela gritava, porque estava desesperada. Só conseguia se debater, como alguém que cai num rio e está se afogando.

— Por que não morri? — ela gritava.

Vi o rosto apavorado de Gui nos observando. Nenhuma palavra poderia descrever o que percebi naquele momento. Era dor, dor e dor. Todos sofriam naquela casa, e, de repente, eu estava ali, de pé, e seria vergonhoso bancar a ofendida e sair correndo para nunca mais voltar. Marcella estava sofrendo tanto que nenhuma palavra aplacaria aquela dor. A mágoa que suas palavras me causavam não era nada, perto de toda aquela tragédia. De repente, quando ainda



estava gritando, Marcella começou a chorar. Um calor subiu do meu peito. As lágrimas saltaram dos meus olhos. Chorei também.

Quando vi, estávamos abraçadas, e tudo o que acontecera de feio e ruim entre nós duas realmente não fazia sentido. Depois que paramos de chorar, eu disse, simplesmente:

– Gosto de você, Marcella. Virei aqui sempre! Se quiser, posso pegar as lições da escola e trazer. Quem sabe, você ainda consegue salvar o ano?

Eu sabia que seria difícil, pois estávamos no final do semestre, mas em certas situações especiais, como a dela, sempre pode ser criada uma exceção. Ela nem respondeu. Só apertou minha mão. Ainda fiquei lá um bom tempo. A emoção foi passando, e comecei a falar do pessoal. Conteí o que estava acontecendo com cada um. A avó dela trouxe café e bolo de chocolate. De repente. Marcella perguntou:

– E o Bira, como vai?

Não foi preciso dizer mais nada. Ela ainda gostava do Bira. Eu precisava falar com ele.

3. Bira



Pô, atolei!

Que droga, meu! A Mariana tinha que vir com um papo desses, como se eu fosse o cara mais miserável do planeta, só porque não tinha ido na casa da Marcella? Eu sabia. Quem não sabia que ela tinha dado uma pirueta no asfalto? É claro que tava chateado, pô. Eu não sou nenhum monstro e juro que tinha me sentido mal pra danar. E uma bruta sacanagem do destino, é isso que é, porque a Marcella sempre foi linda como uma pintura e eu cortava um duro por ela. A gente já tinha "ficado" umas vezes, e eu dizia, pegando nos cabelos dela:

– Minha cestinha!

Para um cara louco por basquete como eu, cestinha é a melhor coisa que alguém pode ser. Muitas vezes eu pensei, quando tava em casa, sonhando acordado, que quem sabe eu e a Marcella ainda tivéssemos muitas coisas pra viver. Coisas em comum, a gente tinha. A gente formava um belo par. Mas aí, quando veio a notícia, nem sei direito o que passou pela minha cabeça. Eu senti, claro que senti. Aí eu disse pra mim mesmo: "Amanhã eu dou uma passada por lá".

Naquele dia não deu, eu tinha treino. Deixei pro outro, e o tempo foi passando. Aí, eu pensei: "Pode ser que ela esteja chateada comigo, porque não apareci".

Fui deixando rolar. "Qualquer dia, eu vou."

Depois, eu pensei que seria melhor dar mais um tempo, até que ela estivesse menos abalada. Quem sabe não fosse alarme falso e ela voltasse a andar, e a gente pudesse sair junto e dançar, como antes, e até rolar de rir com as histórias?

Foi quando a Mariana veio com aquele papo, dizendo que a Marcella queria me ver, etcétera, etcétera. Eu me senti mal pra burro, como se ela estivesse dizendo que eu era culpado de alguma coisa. Culpado eu não era, não, porque eu e a Marcella nunca esclarecemos se namorávamos, embora no fundo talvez a gente estivesse mesmo começando um namoro. Mas compromisso, assim como se falava no tempo dos meus pais, isso não tinha, não.

Fiquei sem jeito, pronto, foi o que aconteceu. Agora, brava comigo ela não estava, caso contrário não iria ficar mandando recadinho.

Jamais gostei de coisas tristes, e acho que só estava deixando aquela fase péssima passar. Me decidi. No outro dia, depois do treino, fui pra casa da Marcella.

Fiz tudo como manda o figurino. Meu pai sempre diz que é elegante e sofisticado levar flores quando se visita alguém. Ainda mais quando é uma garota doente. Acho que ele pensa assim principalmente porque é sócio numa floricultura. Isso facilitava bem as coisas, porque flores são caríssimas, e eu nem teria grana pra comprar um presente desses. Passei na floricultura e me deram

um maço de flores que já estava ficando passado, mas nem dava pra notar se a gente tirasse umas margaridas murchas do meio.

Cheguei à casa da Marcella com as flores, e uma velha, com a cara tão murcha que parecia uva-passa (depois fiquei sabendo que era a avó), abriu a porta e sorriu. Até que era bem simpática sorrindo:

– Entra, entra.

Fui entrando com cuidado, porque sei que velha dessa idade adora pensar em casamento, principalmente quando vê alguém com flores na mão. O irmão da Marcella, o Gui, também estava lá, e eu o cumprimentei de longe, porque acho que ele é meio... sei lá, meio fora do esquema. Quando joga futebol é capaz de arrancar um pedaço de grama do campo, mas a bola, mesmo, não acerta nem a pau. A velha perguntou meu nome, e gritou:

– Marcella, tem um moço lindo querendo falar com você. E o Bira.

Eu não sei, não, se sou lindo como todo mundo diz, mas achei falta de gosto a tal senhora ficar gritando pela casa. A Marcella gritou:

– Bira, espera um pouco. – E chamou o Gui.

Fiquei na sala, me sentindo um palhaço com aquele maço de flores na mão, enquanto o Gui entrava no quarto e eu ouvia a voz da Marcella:

– Gui, pega o batom. Gui, pega o pente!



Era chato ficar ouvindo esses pedidos. Deu pra sentir que a Marcella não estava mesmo numa boa, porque, se estivesse, ela mesma pegaria o batom, etcétera. Pensei que, se um dia ela se casasse, a vida do marido seria um inferno, porque ela sempre precisaria de alguém ajudando, e aí tive um calafrio.

Quando entrei no quarto, ela estava toda arrumada, e perfumada, mas o cheiro do quarto era mais forte. Sei lá, o quarto parecia... parecia um armário velho, fechado faz tempo. Senti também um cheiro tão forte de álcool, de remédio, que me deu enjôo. Notei, na cabeceira da cama, uma pilha de livros, e estranhei, porque Marcella nunca foi muito de ler. Entreguei as flores, ela agradeceu, feliz, e pediu para o irmão pôr num vaso.

Gui saíu com o maço, e pensei como a vida dele também devia andar chata, com a Marcella pedindo alguma coisa o tempo todo. Ela perguntou como ia minha vida, e eu comecei a falar do campeonato, porque só conseguia pensar mesmo é que dali a duas semanas estaria disputando o campeonato entre colégios, e que tinha de vencer de qualquer jeito. Enquanto eu falava, até esqueci que ela estava ali, deitada naquela posição esquisita. Aí, eu olhei pra ela.

Não dava pra olhar e continuar falando. Os olhos dela estavam brilhando, como se estivessem olhando um doce. Só que o doce era eu. Ela me admirava, prestava uma superatenção em todos os meus gestos, como se eu fosse... um ser especial. Era isso... eu era um ser especial, porque agora ela estava naquela cama, e nunca mais... nunca mais?

— É verdade, Marcella, é verdade que você...?

Ela ficou branca, como se estivesse se ofendendo.

— Desculpa, eu não quis chatear você.

— Pode perguntar, Bira, perguntar não dói.

Marcella sempre tinha sido corajosa e respondeu como se deve:

— Os médicos disseram que... acho que eu nunca mais vou poder andar como antes... Mas, sabe, Bira, a semana que vem eu vou começar a fazer fisioterapia.



— Então tem chance.

— Já me disseram que existem casos... bem, insistindo na fisioterapia, eu posso conseguir alguma recuperação... e meu pai está providenciando uma cadeira de rodas. Você não sabe como custa caro uma boa cadeira... mas toda a família está ajudando. Meu tio, que tem um armazém no interior, mandou quase metade do dinheiro.

Eu me senti mal ouvindo aquilo. Porque já estava me sentindo mal desde o começo. Que a Marcella nunca havia tido muito dinheiro, eu já sabia. Morava naquela casinha antiga e simples, que o pai tinha herdado. Os quartos saindo da sala... muito diferente do apartamento novo em que eu morava há um ano. Às vezes, no colégio, eu ouvia algumas meninas fazendo piada

sobre a mãe dela, dona Aída, que vendia produtos de beleza, desses que se oferecem de porta em porta. Elas diziam que a mãe de uma colega tinha comprado, mas o produto era tão ruim que quase arrancava a pele. O pai de Marcella também não ganhava muito bem. Trabalhava numa firma pequena, como contador. O dinheiro deles era curto.

Agora, olhando em volta, eu pensava como é que ia ser. A Marcella ia passar a vida toda naquele quarto apertado? Pelo visto, eles não tinham como contratar enfermeira, e a avó e o Gui é que iam cuidar de tudo. E como ia ser a vida da Marcella dali em diante?



Só vi sofrimento pela frente. Eu me senti muito mal, porque, se pudesse, faria alguma coisa. Mas não sabia o que fazer. Porque o que a Marcella gostaria que eu fizesse, ah, não dava, não. Ela queria que eu fosse o mesmo Bira de antes, que pegava nos cabelos dela e dizia coisas legais, mas essas coisas legais, eu dizia pra Marcella que ria, que fazia piada, que todo mundo achava o máximo.

Aquela Marcella era outra. Era triste, era encolhida, estava meio torta, e me olhava como se quisesse me abraçar, encostar a cabeça no meu ombro. Eu não tinha palavras bonitas pra dizer! Só queria dar o fora dali. Deixei o assunto ir morrendo, morrendo, e, depois de um certo tempo, levantei e disse que ia embora. Ela pediu pra eu ficar, mas dei uma desculpa, disse que voltava outro dia.

Saí no pinote. Quando cheguei na rua, pensei:

"Puxa, ainda bem que não aconteceu uma coisa dessas comigo."

Foi isso mesmo que pensei. Mas achei que era um pensamento muito egoísta e resolvi que não ia sumir, não. A Marcella precisava da minha amizade.

Tive as melhores intenções. Decidi que iria até a casa dela sempre que pudesse. E tem mais: nunca deixaria de levar flores.

Prometi a mim mesmo ser um cara legal, mas aí começaram os treinos para o campeonato. Fui deixando para outro dia, outro dia... Quando vi, já fazia tanto tempo, desde aquela visita, que nem valia a pena voltar. E... também, eu tinha conhecido a Cris. Pô, fiquei amarradão na Cris!

4. Aída

Durante muito tempo, não pude dormir direito. Simplesmente não me conformava. Passava e repassava cada detalhe daquele dia. De alguma maneira torta, a culpa devia ser minha, embora não entendesse exatamente como. Quando saímos, naquela tarde, percebi que tinha esquecido a lã e pedi a Marcella que fosse buscar. Costumava levar novelos de lã para minha mãe tricotar blusas. Ela sempre tricotou tão bem! Eu havia comprado novelos azuis para um suéter para o Gui, beges para o Bruno e verdes para a Marcella. Ainda penso que, se eu não tivesse demorado mais alguns minutos por causa da lã, talvez não estivesse naquele local da estrada, na hora do acidente, e não teria sido atingida pelo caminhão.



Lembro também da sensação de pânico quando vi aquela jamanta vindo na minha direção, de meu gesto desesperado tentando virar o volante, e da escuridão. Até hoje não sei por que Marcella estava sem o cinto de segurança. Também não saberei dizer nunca se o fecho havia quebrado sem que a gente percebesse. Marcella não se lembra, e não gosto de me aprofundar no assunto, porque é como se eu quisesse culpá-la pela própria tragédia. Mas o sentimento de que, se eu tivesse feito alguma coisa diferente, Marcella não teria sido afetada, ah, esse sentimento nunca vai sair do meu coração.

Quando nasceram meus filhos, foi como se florescesse um jardim de esperanças. Marcella e Guilherme sempre foram bacanas, prestativos. Bons alunos. Nenhuma mãe pode dizer que prefere este ou aquele filho. E claro que sempre adorei o Gui, meu caçula. Mas Marcella era deslumbrante, parecia ter uma luz própria, que ofuscava tudo.

Nunca apreciei esportes, mas vibrava quando Marcella ia para as quadras, defender o time do colégio. Minhas amigas diziam que ela era alta para a idade, talvez em um ano ou dois pudesse ser modelo. Eu tinha medo (dizem tantas coisas do mundo das modelos), mas até gostava de me imaginar cuidando dos negócios de minha filha. Quem sabe indo ao Japão... Soube que eles gostam muito de contratar modelos ocidentais bem jovens.

Minha vida, e de meu marido, Bruno, foi sempre muito simples. Eu não me formei, como gostaria. Minha família é do interior, e comecei a trabalhar muito cedo. Minha cidade é pequena, e meus pais não tinham condições de me enviar para uma faculdade de fora. Também sempre gostei de vendas, e durante muitos anos trabalhei numa loja de tecidos, no balcão. Vender é gostoso, porque pode-se conversar com as pessoas. Enfim, não é um trabalho rotineiro... Acho que não me acomodaria numa rotina, como meu marido. Ao contrário de mim, ele gosta de tudo certinho, cheio de horários. Bruno gostava de estudar e sei que ainda sonhava fazer uma faculdade e prestar concurso para fiscal de rendas. O fato é

que casamos muito jovens e isso atropelou seus sonhos, porque logo Marcella nasceu e ele parou de estudar. Pensava em prestar vestibular e, provavelmente, teria entrado num cursinho, se não fosse o que aconteceu.

Com o acidente, muitos de nossos sonhos se acabaram. Havia tanta coisa que eu esperava fazer! Era só uma questão de juntar um pouco mais de dinheiro. Pensava reformar a casa, juntar a sala com a garagem. Faria apenas uma cobertura para o carro, na frente, mas aí poderia ter uma sala de jantar. Meu maior sonho era ter uma sala de jantar conjugada com a de visitas, com uma mesa de madeira bem polida e seis cadeiras. Colocaria um vaso de flores no centro da mesa, como vi numa revista de decoração. Também, quem sabe, eu poderia fazer uma lareira. Sei que os invernos aqui na cidade praticamente não existem, mas eu acho lareira a coisa mais linda do mundo! Também pensava em dar um par de patins para o Gui no Natal. Ele queria tanto! Muitos de seus amigos até iam de patins para a escola, e ele vivia pedindo um. Mas, depois do acidente, é claro, eu soube que até uma queda de patins pode deixar alguém paraplégico.

Um dia, quando fui com Marcella ao centro de fisioterapia, conheci um senhor que havia caído no banheiro e perdera todos os movimentos, até dos braços. A medula é muito mais frágil do que se pensa. Decidi jamais dar os patins ao Guilherme, por mais que ele pedisse.

Foram muitas as coisas que eu deixei de dar ao Guilherme, e sentia um aperto no coração só de pensar no que ele estava passando. Devia ser difícil para um garoto da idade dele, mas, por mais que eu desejasse, não conseguia que as coisas fossem diferentes.

Voltei a trabalhar logo que saí do hospital. O braço enfaiado não me impediu, porque tenho algumas freguesas fixas que adoram os produtos de maquiagem que represento. São produtos muito bons, embora baratos e, por isso, minha clientela não é sofisticada. Quando comecei a vender os produtos, até pedi a ajuda de Marcella. Ela falou com as amigas, que me apresentaram suas mães e consegui algumas clientes entre elas. Deu errado, porque uma dessas mulheres era alérgica e seu rosto ficou idêntico a um torresmo depois de usar alguns dos meus cremes. Marcella ficou furiosa, porque todas as amigas

começaram a fazer piada e a me chamar de marreteira. Também fiquei brava, e, naquele dia, brigamos muito.

– Não somos ricos! – expliquei.

– Seus cosméticos são uma droga! – ela disse.

Sofri com isso, porque como Marcella poderia me ajudar a vender se não gostava dos produtos? Acontece que boa parte dos colegas de minha filha são mais ricos que nós (sustentamos os estudos da Marcella e do Gui com dificuldade, mas queremos que eles tenham o melhor), e a Marcella só vivia falando em perfume francês. Queria tanto um frasco que, no último aniversário dela, comprei a marca que ela queria de uma senhora que vende produtos do Paraguai. Sei que foi bobagem, porque também vendo perfumes muito bons. Mas eu queria ver minha filha feliz.



Não podia perder minhas clientes, então voltei a trabalhar, porque, em vendas, se a gente pisca, dá errado, e também porque precisávamos de dinheiro. Eu e Marcella fomos socorridas logo depois do acidente e atendidas no pronto-socorro. A seqüência do tratamento, porém, era de lascar. Soubemos, eu e o Bruno, que minha filha precisaria fazer fisioterapia pelo resto da vida. Acontece que, com a falta de movimentos, as pernas tendem a se atrofiar. Vão ficando raquíticas. O corpo também, sempre na mesma posição, começa a formar feridas, as chamadas escaras. São feridas horríveis, que se abrem na carne, muito difíceis de cicatrizar. O pulmão também pode enfraquecer, e é comum, por falta de exercícios, a pessoa pegar uma pneumonia.

A fisioterapia é uma forma artificial de reproduzir os movimentos do corpo. Embora Marcella não pudesse mexer as pernas, um profissional faria os movimentos por ela, exercitando os músculos, para impedir que se atrofiassem. Os movimentos também ajudariam a impedir as escaras. Além disso, ela faria exercícios com os braços para, mais tarde, suportando o corpo todo, conseguir caminhar. Seria um processo longo, cansativo e... caro.

Dinheiro, dinheiro, dinheiro!

Precisávamos comprar uma cadeira de rodas, urgentemente. Também precisávamos fazer pequenas reformas na casa, não para deixá-la bonita, como eu pretendia, mas para facilitar os movimentos de Marcella. O fisioterapeuta aconselhou que eu instalasse uma barra dentro de casa, mais tarde, para ela se exercitar. Resolvi que seria na garagem — e desisti para sempre de meu sonho de ter uma sala de jantar. Também tivemos de comprar um carro mais adequado. Com o dinheiro do seguro — meu carro teve perda total — e o que tínhamos na poupança, compramos uma perua, na qual poderíamos colocar uma cadeira de rodas com facilidade. Ainda bem que minha mãe, Gilda, veio ficar conosco. Eu podia trabalhar mais e, na medida do possível, tornar a vida de minha filha mais agradável.

Trabalhava como louca naqueles dias. Como os meus produtos eram baratos, perdi o medo de ir a alguns cortiços que ficavam não muito longe de onde morávamos. Arrumei algumas clientes

- não quero fazer fofocas, mas elas eram grandes consumidoras de maquiagem e, conforme descobri, trabalhavam a noite toda numa boate do centro da cidade. Mas eu não tinha nada com a vida de ninguém, e elas eram excelentes pagadoras. Gostavam de me receber depois do almoço. Mais tarde me disseram que, na boate, outras colegas poderiam se interessar e muitas vezes lá ia eu, no início da noite, junto com alguma delas para o centro da cidade. Entrava em alguma daquelas boates com letreiros luminosos, para falar com as moças, enquanto a clientela ainda não tinha ocupado as mesas.

Assistia a cenas muito pesadas. Mulheres discutindo entre si, falando palavrões que eu nem saberia repetir (fui criada com uma educação muito fechada). Certa vez, uma das mulheres cortou o rosto da outra com uma faca e chamaram a polícia. Não pude testemunhar, porque não tinha visto, realmente, nada. Só ouvira os gritos e vira a vítima entrar sangrando no camarim. Mesmo assim, foi horrível passar algumas horas na delegacia, entre bêbados e alguns

tipos muito estranhos. Fiquei tão assustada que telefonei para a vizinha e pedi para chamar o Bruno. Ele veio me buscar. Na volta, nem conseguimos falar sobre o assunto. Sei que ele queria pedir que eu parasse de freqüentar aqueles ambientes, mas o fato é que precisávamos de dinheiro, e aquela era uma clientela



fiel. Para falar a verdade, nunca me desrespeitaram, e certa vez quando contei a história do meu acidente para uma moça, nordestina, ela chorou, e disse que entendia perfeitamente o que eu estava passando, porque a maior parte do dinheiro que ganhava ia para uma senhora que criava seus três filhos, no interior. Até me arrepiei, porque não se pode julgar ninguém.

De certa maneira, eu tinha sorte por ter Bruno ao meu lado, minha mãe e meus irmãos, que fizeram uma vaquinha quando chegou o momento de comprar a cadeira de rodas. Também era uma sorte ter um filho como Gui, capaz de ajudar minha mãe em tudo, e cuidar da irmã como um homenzinho. No início, achei que talvez ele não suportasse e, nesse caso, não saberia o que fazer, pois não podia deixar de trabalhar, de jeito nenhum. Ele era muito útil, ajudando a avó em tudo, inclusive a levar a irmã ao banheiro nas vezes em que ela conseguia dar o alarme. Sei que era difícil. Pedi que evitasse sair de casa. Nem brincar com os colegas podia. De manhã, ele ia à escola, mas eu deixava para sair o mais tarde possível e, assim, mamãe e Marcella ficavam sozinhas somente algumas horas. A vizinha da frente, que chamara Bruno no dia do acidente, também se prontificou a ajudar, mas mamãe só a chamou três ou quatro vezes, porque Gui estava sempre presente.

Algum tempo depois, apareceu a Mariana. Pelo jeito que se davam, acho que era a melhor amiga de Marcella no colégio, e não entendi por que nunca tinha vindo em casa antes. Gordinha, animada, sorridente, tudo melhorou quando ela apareceu. Principalmente por causa dos livros. Tinha a impressão de que Marcella não ligava muito para ler, mas acho que estava enganada, porque, quando Mariana começou a trazer livros, ela devorava dois ou três por semana. As duas começaram a passar muito tempo conversando.

Finalmente chegou a cadeira de rodas — era muito boa, embora ainda não fosse a ideal. Nós sabíamos que existiam modelos mais avançados, que funcionavam como um pequeno carro.

com motor e tudo o mais. O dinheiro ainda não dava para isso, mas, é claro, eu e Bruno decidimos poupar tudo, tudo, até comprarmos a melhor para nossa filha. Pensei que Marcella ia ficar contente, mas naquele dia ela chorou muito. Sair da cama era uma bênção, mas, do ponto de vista dela, sentar naquela cadeira equivalia a aceitar a situação como definitiva.

Afastamos todos os móveis da sala de encontro à parede, para que ela pudesse se locomover o melhor possível. A televisão voltou para a sala, porque ela queria poder conversar com a Mariana de noite, e a verdade é que passáramos os últimos tempos amontoados no quarto dela, mesmo quando Marcella queria dormir.



Com a cadeira, a vida entrava em outra rotina. Marcella já podia voltar a estudar e a fazer a fisioterapia pra valer. Até então, fora Bruno quem fizera com ela alguns exercícios que o médico ensinara.

Ninguém pode imaginar o que senti vendo Marcella sentar naquela cadeira pela primeira vez. Enquanto ela estava na cama, é como se, talvez, um dia fosse se levantar e andar novamente. Deu um nó na garganta e até senti dor no pescoço, de tanto esforço para não chorar.



Bruno foi até a escola e conversou com a diretora. O pessoal do colégio já tinha previsto nosso pedido, e colocou Marcella numa classe do térreo, onde não haveria problemas para entrar com a cadeira. Foi um momento muito difícil, porque eu precisava voltar a dirigir e tinha calafrios só de pensar nessa hipótese. O que fazer? Pedi a Bruno que me ajudasse. É um marido maravilhoso e é por isso que eu o amo tanto. Saímos no domingo e ele me fez

sentar ao volante da perua. Comecei a chorar, e ele disse:

— Aída, não dá pra fazer o tempo voltar. Foi uma tragédia, e é por causa dessa tragédia que você precisa ser forte. Ninguém pensa que você foi culpada, em nenhum momento eu achei que você pudesse ter feito alguma coisa diferente. Estou com o coração partido, como você está, mas sei que foi uma fatalidade, e é isso que você precisa pôr na cabeça. Agora, coragem. Dirija, porque nossa filha precisa de você.

Consegui agarrar o volante, colocar a marcha e partir. Tinha tanto medo que, na pracinha, achei que as árvores tinham pernas e vinham em cima de mim. Bruno conversava comigo. Consegui me acalmar. Era preciso.

Entrei numa rotina pesada: acordava cedo e levava Marcella e Gui à escola. Corria para atender as clientes mais próximas. Na hora do almoço, pegava os dois. Três vezes por semana, durante a tarde, levava Marcella para a fisioterapia. Era complicado, porque precisava ficar esperando e, às vezes, perdia a tarde toda. Minhas clientes noturnas eram fundamentais — sem elas não conseguiria faturar nem metade do que precisava. Algumas vezes, saía também aos sábados à tarde.

Não era fácil. O pior é que via sempre minha filha triste, magoada, ferida pela vida. O Gui também: cada vez mais calado, mais dentro de si mesmo. Queria tanto saber o que fazer! O que mais me partiu o coração foi um dia em que cheguei mais cedo e fiquei esperando na porta, conversando com a mãe de outra aluna — quem sabe ela se interessaria em comprar os meus produtos? Vi quando o Bira saiu conversando animado com uma garota, e os dois ficaram na porta, batendo papo, fazendo charminho. Era uma garota alta, magra, com o tipo da Marcella, quando estava bem. O Bira era muito bonito: eu lembrava muito bem dele, porque antes eu sempre assistia aos jogos do colégio. Todo mundo dizia que ele namorava a Marcella, embora, na minha opinião, ela fosse muito nova para pensar em namoro. Nesse instante, a Marcella e o Gui saíram. Ela já aprendera a virar as rodas da cadeira com alguma rapidez. Quando saiu, o Bira e a garota a olharam. Vi que ele ficou um tanto sem jeito. A garota deu um sorrisinho de superioridade. Detestei aquele sorrisinho, que parecia dizer:

"A coitada é louca por você."

Tive vontade de dar um murro naquele sorriso, mas, é claro, fiquei quieta, parada, sofrendo. Era óbvio que a Marcella era louca pelo Bira, porque lhe lançou um olhar tão triste, tão magoado, que eu quase chorei. Minha mãe tinha me contado que o Bira fora em casa. que até levava flores (se bem que um tanto murchas, parecia ter achado no lixo, pelo que notei), e eu pensara, depois daquela visita, que minha filha tinha um amigo de verdade. Ele nunca mais apareceu.

Minha mãe me disse também que, durante várias semanas, cada vez que a campainha tocava, a Marcella ficava angustiada, torcendo, na expectativa de que fosse o Bira, com novas flores, novos sorrisos, muitas esperanças. Nunca mais. Com o tempo, ela foi se fechando, dolorida em suas emoções. Uma vez, perguntei ao Gui:

- Por que o Bira nunca mais veio?
- Sei lá. Acho que ele nem lembra mais dela.

Outra vez, quando a Mariana ia saindo, fui com ela até o portão:

– Mariana, sabe... eu acho que a Marcella pensa muito naquele rapaz, o Bira. Ele esteve aqui, com flores. Posso imaginar o que isso significa. Será que... será que você pode pedir pra ele visitar a Marcella de novo, um dia?

Mariana ficou sem jeito, quando respondeu:

- Aída, não adianta.
- Não adianta por quê?
- O Bira está em outra.
- Mas ele não era amigo da Marcella? Até achei que tinham um flerte na época do colégio.

– Foi outra época, Aída.

Ficamos uma olhando para a outra. Respirei fundo:

– Mariana, você acha que ele nunca mais procurou a Marcella porque ela ficou paraplégica?

– É isso aí. Sabe, eu achava o Bira o máximo. Mas depois... sei lá... ele se comportou de um jeito tão frio, tão egoísta! Agora, quando olho pra ele, nem o acho tão bonito assim.

Mariana partiu e fiquei sozinha com minha dor. Será que, se eu estivesse numa situação dessas, agiria diferente? Seria capaz de namorar e casar com um rapaz paraplégico? Não sei responder, ninguém sabe, porque a gente nunca sabe o que faria numa situação extrema. Todos temos aspectos surpreendentes dentro de nós mesmos. Eu, até hoje, nem sei como pude suportar os momentos mais difíceis, as noites horríveis em que mergulhava a cabeça no travesseiro e chorava baixinho, para não acordar meu marido.



No dia em que Marcella encontrou o Bira e a garota (a Cris), eu sofri muito. Vi o olhar que Marcella lançou ao Bira. Um olhar de cachorro ferido. Ele desviou o rosto, como se estivesse sem jeito. Então Marcella fez uma coisa que eu admirei. Quando se aproximou deles, cumprimentou:

– Tudo legal, Bira? Tudo legal, Cris?

Os dois a observaram, constrangidos. Bira engoliu seco:

– E aí, Marcella?

Ela continuou na minha direção. Abri a porta da perua e, com a ajuda de Gui, conseguimos instalá-la, empurrando a cadeira pelas rampas que havíamos adaptado. Bira e a garota saíram andando em outra direção. Durante todo o trajeto de volta, eu olhava pelo espelho, via o rosto duro da minha filha, e pensava: "Não é justo que ela sofra tanto".

Foi por isso que, quando Mariana veio com a idéia de levar Marcella ao bailinho, fui inteiramente contra. A escola ia fazer uma festa para arrecadar fundos para a Associação de Pais e Mestres. Um bailinho. Eu mesma dissera que mandaria uma bandeja de sanduíches para vender. Afinal, tinham sido muito legais quando Marcella voltou para a escola. Alguns professores deram aulas de acompanhamento sem cobrar nada e, quando ela passava pelos portões, eu ficava tranqüila, porque sempre havia alguém para ajudar a evitar um obstáculo ou para conversar com ela.

Desde que voltara às aulas, Marcella estava mais leve, e isso me aliviava bastante. Agora... deixar que ela fosse ao bailinho... ah! isso era muito diferente! Fiquei imaginando Marcella, sentada a noite toda na cadeira de rodas, enquanto os pares rodopiavam, de um lado para outro. Bira, tão bonito, cercado pelas outras garotas.

– Eu fico com ela, Aída – garantiu Mariana.

Eu não queria, de jeito nenhum. Imaginei que ela podia conhecer outro rapaz, se interessar, e sofrer novamente.

"Quem vai querer namorar uma paraplégica?", eu pensava. Era melhor que não tivesse esperanças. Gui também queria ir:

– Deixa, mãe, deixa!

Mas como poderia permitir que ele fosse e Marcella não? Mamãe também era contra:

– Você precisa descansar, Marcella – argumentou.

Marcella quase gritou:

– Descansar mais do que estou descansando, vovó?

– E não é bom pegar friagem!

Foi uma gritaria. Bruno chegou naquele instante e resolveu:

– Você vai, sim, Marcella. Você promete ficar com ela, Mariana?

– Mãe, pai, até parece que vou ficar solta no meio de bandidos! – irritou-se Marcella.

Acabei concordando. Comprei um tecido lindo, branco, cheio de brilhos. Era um tecido que eu gostava desde a época em que era mocinha e trabalhava numa loja. Uma espécie de seda sintética, com bordados de flores em branco. Trouxe tecido para o forro também. Minha mãe sempre costurou bem, e fez para Marcella um vestido lindo, comprido, muito rodado.

No dia da festa, nós a ajudamos a se vestir. Lembrei de um chale espanhol, legítimo, que eu ganhara há muitos anos, e Marcella o colocou nos ombros. Emprestei também meu colarzinho de pérolas (falsas, é verdade, mas muito bonitas). Pentreamos seu cabelo para trás, fazendo um rabo-de-cavalo, que prendemos com um fecho de pérolas. Quando nós a ajudamos a sentar na cadeira, e ela abriu o vestido, percebemos que ele praticamente ocultava a cadeira. Sentada daquele jeito, ela parecia uma princesa antiga, no trono, e estava linda, linda!



Passamos pela casa de Mariana, que apareceu com um vestido preto, muito severo para a idade dela, mas eu não disse nada, não queria estragar a festa de ninguém. Em seguida, eu e Bruno deixamos os três, Gui, Marcella e Mariana, no colégio. O pátio estava todo iluminado, enfeitado com flores de papel e, de longe, já dava para ouvir a música animada.

Fomos embora tranqüilos. Fazia muito tempo que eu e Bruno não tínhamos mais momentos sozinhos. A dor, o sofrimento desde a tragédia impedia que pensássemos em nós mesmos. Mas, naquela noite, o clima era diferente. Nossa filha estava linda, feliz por comparecer a um bailinho, por ver gente. Gui também parecia feliz, menos triste do que costumava estar, e até minha mãe, sempre tão deprimida, estava orgulhosa pelo vestido, pelo sorriso da neta. Aperfeiçoei a mão de Bruno e me aproximei dele, no carro.



- Vamos ter uma noite só para nós? – ele disse. Nem precisei responder. Havíamos combinado, com nossos filhos, voltar só depois da meia-noite para pegá-los. A noite estava linda, e Bruno seguiu em direção a uma praça onde costumávamos passear, logo depois do casamento. Era uma praça muito policiada, porque muitos casais de namorados costumavam ir até lá, de noite, para observar a cidade, do mirante, olhar a lua e simplesmente ficar juntos.



Estacionamos a perua e saímos para passear. Ele colocou os braços em volta de mim, e me senti segura e confortável. Por algumas horas esqueci a dor, a dureza de meu trabalho, vendendo produtos de beleza na boate, enfim... voltei a me sentir como se fosse aquela garota recém-casada de anos atrás. Compramos sorvete de palitinho. Sabor de uva. E, depois, olhando o mirante, ele me beijou.

Quando voltamos ao colégio, eu estava leve, feliz. De longe ouvi a música. Bruno e eu descemos para buscar nossos filhos. Não estavam mais lá. Tinha acontecido uma coisa horrível.

5. Gui

Sei que tinha prometido ajudar papai e mamãe, e fazer o máximo para Marcella ser feliz, e todas as coisas que a gente garante que vai fazer nessas horas. Tinha prometido tanta coisa boa que já me sentia um anjo, com as asas crescendo nas minhas costas. Acho legal pensar que podia ser anjo. Quando eu era pequeno, a moça que trabalhava na casa da vovó pegava nos dois ossinhos que a gente tem saltados nas costas e dizia:

— É o toco das asas de anjo que você perdeu quando nasceu.

Eu ficava bravo, furioso, e gritava:

— Não sou anjo, não sou anjo.

Depois, ouvindo tantas pessoas falarem coisas lindas dos anjos, eu pensava que devia ser bom me transformar em um, e poder voar bem alto, na altura dos edifícios. Nos últimos tempos, porém, francamente! Eu sentia até os chifrinhos nascerem na minha cabeça, de tanta vontade de ser ruim e deixar todo mundo na mão.

A Marcella tinha virado uma chata. E bota chata nisso! Verdade! Não podia ouvir o barulho dos meus passos e já gritava:

"Gui, faz isso! Gui, faz aquilo!" O tempo todo, uma chateação. Tinha virado um escravo!

É claro que ficava triste por ver a minha irmã na cama, naquela posição meio caída. Depois, quando chegou a cadeira de rodas, também era de cortar o coração: a Marcella se locomovendo no meio da casa, batendo na parede, fazendo voltas e voltas para entrar por uma porta do jeito certo. As portas em casa são muito estreitas!

Mais tarde, minha irmã voltou para a escola e também foi muito duro. Se foi duro pra mim, imagino pra ela! Ver todas as colegas brincando, correndo, fazendo charminho, e saber que nunca, nunca mais poderia fazer aquilo! E pior de tudo: saber que não era passageiro. O dia em que a Marcella viu o Bira foi de doer. Ele tentou fingir que nem tinha visto, quando ela entrou no pátio. Mas Marcella foi até ele e puxou conversa:

– E aí, Bira, nunca mais apareceu!

– Muito treino.

Ele nem falou. Rosnou, pra dizer a verdade. A Cris, que andava saindo com ele, veio na direção dos dois.

– Tudo bem, Marcella?

Pegou o braço do Bira, e os dois foram saindo:

– Até mais, Marcella.

Minha irmã ficou parada no pátio, e tive uma vontade danada de correr até ela, de dar um abraço e gritar:

"Não se preocupe, eu gosto de você. Você não está sozinha." Só que fiquei parado, sem ação, como se tivesse vergonha de dar um abraço em público. Vi quando ela movimentou a cadeira de rodas com dificuldade – ainda não controlava bem o mecanismo, faltava força nos braços – e voltou em direção a um grupo de amigas, que tinha visto tudo, em silêncio.

Claro que muitas garotas deixaram de falar com a Cris, como se fosse culpa dela. Eu sabia que não era. Nem do Bira, talvez.

Só eu sabia como era difícil a vida perto da Marcella. Era uma vida chata, pra dizer a verdade. Por isso, cada vez que a Mariana aparecia, eu sentia um alívio danado. A Mariana tinha muita boa vontade, e eu podia até sair, brincar na rua. ou simplesmente andar pela casa sem medo de que, a cada passo, minha irmã pedisse alguma coisa.



Outra coisa que me chateava: ninguém mais, em casa, se preocupava comigo. Se meu pai trazia um agrado da rua, era para ela. Se minha avó fazia um doce, era sempre o predileto da Marcella. Tudo bem: é lógico que ela estava sofrendo muito. Mas nunca mais iam fazer arroz-doce só porque eu gostava e ela não? O tempo todo me lembravam das minhas responsabilidades:

"Fica junto da sua irmã. Não saia, porque ela pode precisar de alguma coisa."

Será que o resto da minha vida ia ser assim?

Quando a Mariana começou a falar no bailinho, pensei que ia ser outra chateação. (Claro que não imaginei que podia acontecer uma coisa tão ruim como aconteceu.) Mas, conversa vai, conversa vem com a turma da escola, mudei de opinião. Ia ser uma festa legal, com coxinha, empadinha, esfiha, doce de todo tipo. Também seria legal dançar com as garotas da minha turma — se bem que a maioria delas andava muito chata. A Gislene vivia com o nariz pra cima, fazendo caras e bocas para os mais velhos, da turma do Bira. Só que eu não estava nem aí, ela que bancasse a boba o quanto quisesse!

No dia da festa, a Marcella ganhou um vestido branco que parecia de princesa de contos de fadas. Estava linda, de verdade. Eu não ganhei roupa nova, é claro, porque ninguém nem pensou nisso, mas botei uma calça *jeans* superlegal, combinando com a jaqueta, que ainda me servia muito bem. Fomos para a escola na perua, com papai e mamãe, e parecia que tudo ia dar certo. Fazia tempo que eu não via meus pais tão tranquilos. Por um momento até pensei que tudo iria voltar a ser como era antes do acidente.

A festa estava superlegal, com uma música de lascar, e o dinheiro que meu pai tinha dado foi suficiente pra comprar refrigerante e sanduíches. A Marcella ficou sentada na cadeira, num lugar superlegal, perto das cadeiras normais, onde quase todas as garotas ficavam quando não estavam dançando. Abriu o vestido e colocou o chale nas costas da cadeira de rodas. Quem olhava nem percebia, logo de cara, que se tratava de uma cadeira de rodas. Claro que, observando bem, dava pra notar. Mas, no escuro, só se

via mesmo o rosto claro e lindo de Marcella, com o rabo-de-cavalo, o colar de pérolas da mamãe e o vestido decotado no ombro. Minha irmã estava linda!

Tudo parecia tão bem que durante certo tempo fui me divertir. Acontece que nenhum dos rapazes mais velhos tirou a Gislene para dançar e, quando me aproximei, ela praticamente me empurrou pra pista. Foi ótimo, porque a gente se afina muito dançando, e só paramos quando minha camisa estava tão suada que até dava pra torcer. Aí lembrei de Marcella. Comprei um refrigerante, dei um gole, e caminhei na direção dela.

Um rapaz estava parado em frente à cadeira. Eu me aproximei, mas não muito, porque os dois estavam num superpapo. Notei que não era da turma do colégio. Parecia um pouco mais velho, tinha cabelos pretos escorridos, também estava vestido de preto e era tão magro que parecia um guarda-chuva.



- O ano que vem entro no cursinho pra Medicina – dizia o tal.

– Que legal! Eu bem que gostaria de estar perto do vestibular, mas ainda me falta muito tempo! -- respondeu Marcella, rindo.

– Quer dizer, pra falar a verdade, pra mim também. Mas já vou entrar pra ir me preparando bem! Não quero perder um ano, e meu pai disse que as vagas para Medicina têm muitos candidatos.

Tomei mais um gole do refrigerante. A conversa parecia estar indo bem.

– Como você chama? – perguntou ele.

– Marcella, e você?

– Emílio.

Aí, quando ele disse a próxima frase, eu gelei:

– Vamos dançar, Marcella?

Pelo jeito do rosto dela, percebi que ficou tão surpresa quanto eu! Ele não tinha percebido! Notei que a voz de Marcella sumiu, era apenas um fiozinho, quando respondeu:

– Não... não dá.

Emílio riu:

– Que bobagem! Por que não? Vai ficar aí a festa toda?

– Não, é que...

– Vem cá!

Rindo, certo de que ela só estava fazendo charme, ele pegou Marcella pela mão e puxou, como se faz normalmente, quando se quer insistir com alguém que está fazendo fita. Só que o puxão foi muito forte. Apanhou Marcella desprevenida. Ela caiu no chão. O rapaz, estarecido, deu um passo atrás.

Fiquei paralisado. Toda a festa parou, diante da cena. Humilhada, minha irmã tentava se erguer nos cotovelos, mas não tinha força para levantar. Começou a chorar. O colar de pérolas se rompeu e as bolinhas foram caindo de seu pescoço, uma a uma...

Ninguém sabia o que fazer. Por sorte, Mariana estava por perto. Veio correndo, aos gritos:

– Idiota, imbecil! Veja o que fez!

Mariana ajoelhou-se no chão – notei que não teve medo de sujar o vestido preto – e abraçou Marcella como se fosse mãe, ou irmã mais velha. Aí, eu também criei coragem, corri até elas. Muita gente estava tentando ajudar. Ergueram e sentaram minha irmã na cadeira de novo. Algumas pessoas cataram as pérolas caídas, e eu também peguei algumas. Coloquei no bolso. O rapaz ainda tentou falar alguma coisa:

– Desculpa, eu... eu... eu... não...

– Vá embora – gritou Mariana. – Vá embora!

Marcella chorava, sem parar. Algumas pessoas estavam de pé, ao lado, tentando dizer frases bonitas, ajudar. A diretora veio oferecer:

– Se você quiser, Marcella, eu abro o escritório e você fica lá, descansando, até sua família chegar.



A bibliotecária trouxe um copo d'água.

– Quero ir pra casa! – disse Marcella.

– Mas não podemos ir pra casa – respondi. – O papai e a mamãe só chegam depois da...

Mariana me interrompeu:

– Podemos sim, Guilherme.

– Como?

– Vocês moram só a onze quadras do colégio. Eu e você ajudamos a Marcella a atravessar as ruas...

Fiquei apavorado, porque era noite e, desde o acidente, nunca tinha saído com a Marcella sem a presença de meu pai ou minha mãe.

– E a sarjeta? Como a cadeira vai passar?

– A gente dá um jeito. Você topa, Marcella?

Ela fez que sim, ainda humilhada. A diretora concordou:

– Querem que algum professor os acompanhe?

– Não... não é preciso. É perto. Qualquer problema, o Gui vem correndo até aqui.

Apavorado, vi quando Mariana deu impulso na cadeira e atravessou o pátio. Fui atrás das duas. Quando atravessamos os portões, ouvi a música, que continuava, e imaginei Gislene dançando com outro garoto.

Em seguida, nem pensei mais no assunto. A rua parecia ameaçadora. Fomos ajudando Marcella que, na maior parte do tempo, movimentava sozinha a cadeira. Estávamos em silêncio absoluto. Notei que as lágrimas escorriam pelo rosto da minha irmã.

Fora horrível, horrível! Imaginei sua dor, sua humilhação, caída no cimento. O vestido estava rasgado na altura do joelho. O que restou do colar, guardei no meu bolso.

Sua vida seria sempre assim, uma tragédia? E a minha?

Notei os carros na rua, as janelas dos apartamentos iluminadas, e invejei as outras pessoas. As famílias reunidas, vendo televisão, conversando. E nós três ali, na noite triste, voltando para casa como um time que perdeu o campeonato.

De repente, quando já tínhamos atravessado uns três quarteirões (vencer as sarjetas não foi tão difícil assim! Bastava dar um impulso na cadeira, e pumba, ela subia!), aconteceu uma coisa incrível. Mariana começou a cantar. Sem mais nem menos, andando ao lado de Marcella, ela começou a cantar em voz alta. Envergonhado, olhei em volta, para ver se as pessoas estavam saindo nas janelas, irritadas. Mas não. E aí, ela disse:

– Canta comigo, Gui. Canta, Marcella.

Fiquei completamente sem jeito. Ela fez um gesto, incentivando, e eu comecei a cantar junto, porque era uma música super-conhecida. Aí ouvi a voz fraca de Marcella.



Nós três começamos a cantar, cada vez mais forte, e à medida que cantávamos a dor ia desaparecendo, o horror daquela noite evaporando. Então eu cantava, corria à frente da cadeira, fazia micagens, dançava, Marcella acompanhava batendo palmas, e fomos entrando em novas músicas, e, quando errávamos, era ainda mais divertido, porque ríamos juntos como bobos e voltávamos a cantar. Algumas pessoas abriram as janelas, e nem me importei.

Chegamos em casa rindo, rindo. Mariana se despediu na porta, e eu e Marcella entramos felizes como nos velhos tempos. Estávamos tão alegres que até vovó riu com a gente.

Fomos ver televisão e, quando papai e mamãe chegaram, com cara triste e preocupada, porque tinham sabido de tudo que acontecera na festa, levaram até um choque ao ver Marcella feliz. - Papai, mamãe, foi uma noite maravilhosa!

Eles não entenderam nada, mas notei que estavam aliviados.

A partir dessa noite, começaram a acontecer muitas coisas diferentes.

6. Emílio

Se vergonha matasse, eu já estava duro e frio. Que vexame! Que vexame! Eu não podia adivinhar, claro que não. A garota estava sentada... mas há muitas garotas que passam a maior parte de uma festa sentadas, fazendo charme.

Eu tinha acabado de pegar uma sangria, olhei para o lado e a vi pela primeira vez. Parecia uma ilusão, era linda demais. O rosto pálido, a boca vermelha, o cabelo penteado para trás, o vestido branco e um colar de pérolas no pescoço. Fiquei por perto um tempo, dando uma de Miguel. Uma garota daquelas não podia estar sozinha na festa. Quem é que ia deixar uma beleza daquelas dando sopa? Será que naquele colégio só tinha frouxo?

Fiquei olhando pra garota disfarçadamente. Não seria legal mostrar que estava na marcação. Só amigas vinham conversar com ela. Um garoto, irmão dela, soube depois, apareceu duas vezes para trazer refrigerante. Ela observava o baile com um ar triste, romântico. Pensei: "Tem jeito de ser muito delicada".

Eu não entendia como aquela garota podia estar sozinha. No meu colégio, não ficaria nem meia hora sem companhia. Talvez naquele colégio as coisas fossem diferentes. Ou, quem sabe, seria filha de algum professor muito bravo, desses que proíbem namoro. Quem sabe?

Decidi levar um papo. Nem acreditei quando ela respondeu com um sorriso, como se estivesse contente de me ver ali. Não é que eu me ache feio, não. Em geral, as garotas dizem que tenho um tipo legal. Naquela noite, estava com umas roupas pretas superótimas, iguais às de um roqueiro inglês que é uma cabeça! Mesmo assim, não esperava que fosse tão simpática. A conversa foi evoluindo, contei que quero fazer Medicina e achei que a gente estava entrando no melhor dos mundos.

Às vezes eu penso: "Como sou burro! Puxa, sou um asno!"

Acho que tudo deu errado porque eu estava louco de entusiasmo. Pra dizer a verdade, só tive duas namoradas até agora. A primeira, foi quando eu tinha onze anos de idade, e foi uma menina que me

emprestou um caderno cheio de desenhos românticos e me mandou um bilhete dizendo que estava apaixonada. Pode, nessa idade? Quase morri de vergonha, porque Raul, meu irmão mais velho, pegou o bilhete e todo mundo, lá em casa, morreu de rir. O namoro acabou no ato. A outra foi mais tarde, mas foi uma coisa meio maluca. Aconteceu quando eu estava na casa de uns primos, durante as férias.

Fomos para um baile no clube, e lá eu conheci uma garota de outra cidade, mais ou menos da minha idade. Dançamos a noite toda, e eu até aprendi a dançar formando parzinho. Depois saímos para o jardim e então eu quis pedir um beijo, mas, em vez de pedir, fui aproximando a cabeça, ela também foi aproximando e aí... a gente bateu o nariz. Vexame total. Tentei de novo, entortando o pescoço, e deu certo. Encostamos os lábios um no outro. Alguém saiu do clube e disfarçamos. Ela me deu um papelzinho com o nome dela, rua, número e cidade. Prometi escrever, mas a primeira carta veio com um carimbo: "Endereço desconhecido". Achei que tinha errado o número e mandei várias cartas, com muitas combinações, e todas voltavam com o mesmo carimbo. Dava uma raiva ver aquele carimbo!

Até hoje não sei se ela deu o endereço errado, ou se não entendi o número que estava escrito. Ou se ela mudou, e não tinha como me avisar. Só sei que fiquei apaixonado muitos anos.

Sou do tipo romântico, acho. Por isso, quando a garota sentada começou a bater papo, senti um arrepio. Senti que estava me apaixonando.

Queria dançar com ela, rodopiar, quem sabe... quem sabe, beijar? Convidei para dançar. Ela disse que não. Notei que seus olhos brilhavam, como se tivesse um sentimento escondido lá no fundo. Pensei: "Ela quer dançar, mas está fazendo gênero". Insisti. Ela negou, cada vez mais envergonhada. Não tive dúvidas. Peguei a mão dela, dei um puxão, amigável, só pra estimular.

Foi uma tragédia. Ela despencou, caiu de boca no chão. A cadeira de rodas, vazia. E aquela garota linda, no chão, tentando se erguer, mas não conseguindo. As pérolas rolando no cimento. Eu queria que o chão se abrisse.

Como fui burro, como fui burro! Não tinha percebido. É o que dá ser romântico: fiquei olhando para a garota como se ela fosse uma princesa.

"Tomara que aconteça um terremoto!" — pensei. Terremotos não acontecem por aqui, e eu fiquei estático. Uma amiga dela, e depois o irmão, e mais um monte de pessoas vieram ajudar. Vi quando foi colocada na cadeira. Tentei falar alguma coisa, mas ela me olhou de um jeito horrível. E a amiga gritava:

— Vá embora, vá embora!

Pensei que não tinha nada que ter vindo à festa do colégio dos outros. Caí na conversa da turma, e agora estava dando aquele vexame. Fui para um canto... se pudesse, ficaria invisível. Eu estava de carona com meu irmão mais velho, e não tinha como sair de lá. Vi quando ela foi embora, escoltada pelo irmão e a amiga. Conversei com umas pessoas. Fiquei sabendo que se chamava Marcella, e que tinha sofrido um acidente de carro. Ficou paraplégica. Era mesmo uma pena, uma garota tão simpática presa numa cadeira de rodas. Naquela noite, tentei esquecer o assunto e até dancei com outras garotas.

No outro dia, acordei mortificado. Achei que devia, de alguma maneira, pedir desculpas. Era chato o que tinha acontecido. Conversei com um colega de classe, que também estava na festa, mas ele disse:

— Esquece.

Como se fosse fácil! Nos outros dias, fiquei um tempão pensando nela. Naquela figura bonita, sentada na cadeira, com um vestido de princesa. Tentei conversar com meu irmão, mas ele respondeu:

— O que você quer com uma parálitica?

Odiei a resposta. Primeiro, porque eu não estava querendo coisa nenhuma. Só me desculpar, talvez. Segundo, porque as pessoas falam tanto... Vivem dizendo que é preciso compreender, ajudar, ser solidário. Na hora de demonstrar, é outra história. Eu queria fazer alguma coisa. Queria falar com ela.

Os dias foram passando, e a Marcella não saía da minha cabeça. Claro que não fui mais pedir conselho a ninguém. Existem certas situações nas quais não bastam os conselhos práticos. E preciso consultar o coração. Sentia as batidas dele ficando mais rápidas, cada vez que pensava nela.

Um dia, tomei coragem e conversei com a garota que tinha nos convidado para a festa. Ela contou que a Marcella estudava de manhã. Por que eu queria saber? Disfarcei, dizendo que ainda estava chateado pelo tombo. No dia seguinte, fiquei de olho, esperando o fim das aulas.

Estava decidido a falar com ela, mas foi uma decepção. Uma senhora — depois soube que era a mãe — chegou de perua. Marcella saiu com o irmão e, ajudada por ele, subiu na perua. Foram embora. Percebi que nunca saía sozinha. Parecia tão cercada pelas pessoas como uma princesa dos contos antigos, no alto da torre de um castelo.

E eu queria tanto falar com ela!
Lembrei da amiga furiosa, que me tocou da festa. Consegui recordar perfeitamente a cara dela, porque era meio gordinha, e tinha uns cabelos crespos muito bonitos. Voltei ao colégio dois dias depois, mas nem me preocupei em procurar Marcella. Fiquei de olho, até ver a outra, saindo com várias amigas.

— Preciso falar com você — eu disse.

Ela me olhou de um jeito estranho, não me reconheceu.



– Sou o Emílio. Fui eu... você sabe... eu derrubei sua amiga da cadeira... da cadeira de rodas, naquele bailinho.

– Ah, foi você! Agora estou reconhecendo. Nem parece o mesmo, em roupas normais. Naquele dia estava todo de preto, não estava?

– Não estava legal?

– Eu acho que preto é uma cor muito triste.

Devia achar mesmo. Estava vestida com uma saia verde, blusa vermelha, e tênis rosa-choque. Parecia um arco-íris!

– O que você quer?

– Falar com a Marcella.

– Acho que ela não vai querer falar com você.

– Sei que foi um vexame.

– Bota vexame nisso!

– Dá uma força, vá... como você se chama?

– Mariana.

– Puxa, Mariana, faz favor... que é que tem? E se ela quiser falar comigo?

– Aposto que não quer.

Falei, falei, falei. Venci pelo cansaço. Mariana acabou concordando em levar um bilhete.

7. Bruno

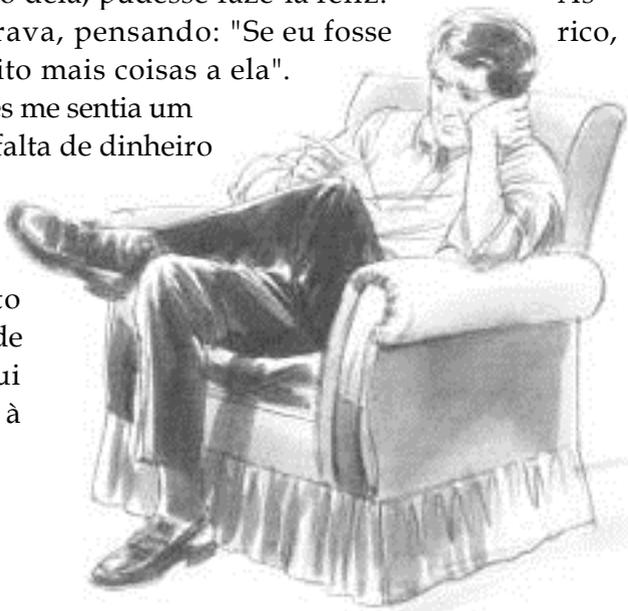
Levei um choque ao encontrar o bilhete escondido dentro do livro de Marcella. Foi por acaso. O livro estava abandonado sobre o sofá. Peguei um pouco por curiosidade, um pouco por interesse. Houve uma época em que gostava muito de ler, mas com o trabalho, sempre mergulhado em números, fui perdendo o hábito. É uma pena, porque tenho boas recordações de alguns livros. Ultimamente, Marcella tem lido muito, e, às vezes, eu penso em aproveitar os livros que ela pega na biblioteca para ler também, mas estou planejando entrar num cursinho para a faculdade de Direito, e talvez não tenha tempo para mais nada.

Quando abri o livro, o bilhete caiu do meio das páginas. Estava aberto e li por reflexo. Era de um rapaz, dizendo à Marcella que gostaria de vê-la novamente. Um bilhete carinhoso! Tive uma sensação muito estranha. Um nó no estômago.

Desde o acidente, eu só conseguia pensar que minha filha tinha se tornado tão frágil como um vaso de cristal. Eu queria protegê-la de qualquer maneira, como se, criando uma redoma em torno dela, pudesse fazê-la feliz. Às vezes me torturava, pensando: "Se eu fosse rico, poderia dar muito mais coisas a ela".

Muitas vezes me sentia um fracassado. A falta de dinheiro era terrível.

Um tratamento pode ficar muito caro. A cadeira de rodas, consegui comprar graças à ajuda da família.





Breve nos acostumamos a deixar de lado os pequenos luxos. Economizávamos no que podíamos. Certa vez, Guilherme reclamou que o tênis estava apertado. Eu e Aída nos olhamos, preocupados. Não tínhamos dinheiro nem para um par de tênis dos mais comuns. Eu só deveria receber em quinze dias e, mesmo assim, não sobraria nada. Aída disse:

– Vamos cortar as unhas do pé, Gui. Quem sabe assim fica folgado.

O pé do garoto estava crescendo, e cortar as unhas não adiantou nada. Foi minha sogra,

dona Gilda, quem conseguiu raspar a miserável pensão de viúva que recebe e comprar o tênis.

As despesas eram altas, muito acima do que eu estava acostumado a gastar. Ainda por cima, levar e trazer Marcella da escola e da fisioterapia ocupava um tempo enorme de Aída. Ela trabalhava menos e, mesmo conseguindo algumas clientes em boates do centro (eu não gostava nada dessa história), não faturava o suficiente. Comecei a pegar trabalho extra para fazer em casa. Tornei-me contador de alguns clientes particulares. De certa maneira, foi uma vantagem. Atualmente tantas pessoas me pedem para que eu faça esse trabalho que, em alguns meses, talvez eu possa deixar meu emprego e montar meu próprio escritório. Se der certo, poderei ganhar bem melhor e arrumar tempo para, finalmente, fazer a faculdade que sempre quis. Acho que a falta de dinheiro tem sido até um incentivo. Foi por tudo isso que, quando Marcella se propôs a ir à escola e à fisioterapia na cadeira de rodas, aceitei, mesmo preocupado. Se Aída se limitasse a dar carona só em dias de chuva, poderia trabalhar um pouco mais, e o dinheiro, tão importante naquele momento, deixaria de ser problema.

O fato de Marcella, Gui e Mariana terem vindo sozinhos do baile da escola, na noite em que Marcella caiu na festa, diante de todos, deixou minha filha bem mais segura:

– Se o Gui for comigo, a gente pode ir sem a mamãe.

Quem não gostou da história foi o Guilherme. A vida do meu filho ficou muito complicada, reconheço. Durante os primeiros tempos, depois do acidente, nem podia sair de casa. Ficava de plantão, ajudando dona Gilda, minha sogra, a cuidar da Marcella. Não gosto nem de pensar nos detalhes horríveis. Mas era ele que ajudava a limpar a irmã, quando ela se sujava. Transformou-se em um criado, atento a todos os desejos dela. E isso em troca de muito pouco. Porque não sobrava dinheiro nem para comprar um presente pra ele. Nem para um agrado.

Tudo se tornou muito difícil porque, antes, era Marcella que protegia Gui. Era ela, irmã mais velha, que o ajudava sempre. Com o acidente, a situação tinha se invertido. Agora, além de ajudar a cuidar da irmã em casa, ele tinha também de acompanhá-la até a escola e a fisioterapia. Às vezes, ficava duas horas esperando, enquanto ela fazia os exercícios. Sentado na sala de espera, com cadernos e livros, Gui aproveitava para fazer as lições.

Eu levei Marcella à fisioterapia poucas vezes, e confesso que me senti mal. Era um desfile de pessoas com problemas. Acidentados dos mais diversos tipos. Alguns paraplégicos têm a lesão bem no alto da coluna e só conseguem mover os músculos da face. Soube que, nos Estados Unidos, foi criada uma linha de aparelhos para permitir que pessoas capazes apenas de piscar consigam virar as páginas de um livro.

E claro que ficava com o estômago doendo ao tomar contato com todos esses problemas. A única coisa que me consolava era lembrar do físico Stephen W. Hawking. Até o acidente, embora já tivesse ouvido falar nele, não tinha me preocupado com os detalhes da história. Agora, era diferente: descobri que, apesar da dificuldade de movimentos, uma pessoa pode ter uma vida brilhante.

Stephen Hawking, confinado a uma cadeira de rodas, movimentando apenas alguns dedos da mão, conseguiu desenvolver algumas das mais importantes teorias da Física moderna. Seu livro *Uma breve história do tempo* tornou-se fundamental entre os interessados no assunto. Sua doença, degenerativa, fez com que fosse perdendo os movimentos cada vez mais. Quando soube da história desse homem, inicialmente me admirei: "Como ele conseguiu?" Mais tarde, pensando melhor, descobri que ele conseguiu transformar a doença numa vantagem. Pois, em vez de se lamuriar, aproveitou o isolamento forçado e o tempo livre, já que não podia ter um emprego tradicional, para pensar. Para criar. Voou.

Conheci, no centro de fisioterapia, escritores, músicos. Um rapaz me impressionou muito: paraplégico, com apenas um leve movimento em um dos braços, conseguiu montar uma loja de material para piscinas, que dirige com sucesso. Suas funcionárias o ajudam apenas a folhear as listas de preços e a mostrar os produtos. É ele quem discute, negocia, vende.

À medida que Marcella foi se acostumando com a cadeira de rodas, o trajeto até o centro de fisioterapia ficou cada vez mais fácil. Guilherme a ajudava apenas a subir nas sarjetas e a descer, ou quando havia um obstáculo qualquer. No centro, alguns técnicos exercitavam as pernas de Marcella para que não se atrofiassem. Faziam isso repetindo artificialmente os movimentos que ela deveria ter se não fosse o acidente. Várias seqüelas, produzidas pela falta de movimento, são evitadas também porque a fisioterapia ativa a circulação, trabalha os músculos.

Depois de algum tempo, Marcella começou a se exercitar nas barras. O exercício é aparentemente simples, mas o esforço necessário é imenso. São duas barras colocadas paralelamente ao longo de alguns metros. A pessoa deve apoiar as mãos nas barras. Aí joga todo o corpo para a frente — é um passo. Bota as mãos alguns centímetros à frente nas barras, e joga o corpo de novo — outro passo. O esforço é enorme, porque a pessoa apóia todo o peso do corpo nas mãos. É a primeira etapa para começar a andar de muletas. Quanto mais tempo levar o exercício, melhor para o corpo.

Quando Marcella começou os exercícios, tinha muita dificuldade. Caía muito, mas ia exercitando os braços. Depois de algum tempo, já conseguia apoiar o corpo. Pouco a pouco, conseguiu ter forças para dar alguns passos. Era cansativo, doloroso, mas muito importante.

Entusiasmado com os progressos de minha filha, instalei barras na garagem. Passamos a deixar a perua no jardim, mas tudo bem. Marcella se exercitava várias horas por dia: de manhã, antes da aula e no final da tarde. Com isso, começou a ganhar mais independência também dentro de casa. Para tomar banho, por exemplo, não precisava da ajuda de mais ninguém. Era uma independência conquistada aos poucos, com sofrimento e, por isso mesmo, mais valiosa.

Assim que começou a ir sozinha com Guilherme para a escola, Marcella passou a dispensar a ajuda do irmão na volta das aulas. Fiquei contente, porque, muitas vezes, ela se demorava conversando com os colegas, e ele era obrigado a ficar esperando. Graças a Mariana e outras amigas, Marcella se tornava cada vez mais independente.

Agora, porém, o bilhete mudava tudo. Bilhete de um rapaz para minha filha! Eu estava surpreso! Quais seriam as intenções desse rapaz? O que queria com minha filha? Fiquei preocupado, é claro. A gente ouve tanta coisa!

Por que Marcella queria tanto ser independente? Por causa desse rapaz? Quando pediu para ir e voltar da escola sem a mãe, já estava pensando, possivelmente, no tal de Emílio, que assinava o bilhete! Com a mãe levando-a para todos os lados, era impossível.

Nunca fiquei tão nervoso quanto naquele dia. Inicialmente, me senti mal, porque parecia que Marcella estava dando um golpe em mim, em Aída, na família toda que tanto se preocupava com ela. Estava nos enganando! Uma raiva enorme foi crescendo dentro de mim. "Que falta de juízo!", pensei.

Quem seria esse rapaz? Que interesse teria ele em minha filha, realmente? Como Marcella se atrevia a trocar bilhetes e a nos enganar? A dizer que voltava das aulas com as amigas, quando provavelmente estava se encontrando com o rapaz?

Lembrei de várias situações. Na última semana, tinha ido duas noites seguidas à casa de Mariana. Teria ido mesmo à casa dela? Na ocasião, havia deixado o telefone de Mariana. Disquei o número. A mãe da amiga atendeu. Fui objetivo. Expliquei o que estava acontecendo. Ela pareceu preocupada e não ocultou nada. Marcella estivera lá apenas uma vez. Na outra, Mariana também saíra. Aparentemente, tinham ido ao cinema do *shopping*.

– Elas são muito novas para pensar em rapazes – garantiu a mãe.

Suspirei. Aquela, sim, estava fora da realidade. Pois eu sabia muito bem que Marcella já pensava em namoros muito antes do acidente. Tinham me contado toda a história do Bira, e eu me arrepiei de medo de que minha filha estivesse se interessando por alguém que a fizesse sofrer.

Era tarde, não podia fazer nada. Deitado na cama, conversei longamente com Aída. Ela também ficou preocupada.

No dia seguinte, quando Aída avisou que voltaria a levar Marcella à escola e a buscá-la, ela protestou, furiosa:

– Não quero!

– Não quer, mas eu vou.

Começou a discussão. Eu já estava preparado. Peguei o bilhete.

– Você não tinha o direito de ler, pai!

– Nem você de nos enganar.

– Mas eu não estava mentindo! Só quis esperar para ver o que aconteceria!

Aída chorava:

– Marcella, você está sendo ingênua. Esse rapaz só pode ter alguma intenção ruim.

– Por quê? Por que sou paralítica? O Emílio gosta de mim. Gosta de conversar comigo.

Dona Gilda, minha sogra, assistia à cena, espantada. Guilherme também.

– Você sabia de alguma coisa, Guilherme? – perguntei.

– Não, pai! De jeito nenhum.

– Pois, agora, tudo vai voltar a ser como antes, já que você não tem juízo, Marcella.

– Quando eu andava, vocês nem se importavam.

– Ficávamos preocupados, sim – garanti. – Mas agora você está mais exposta. Vamos cuidar de você.

A briga foi tão feia que ela não foi à aula nem à fisioterapia. Fui trabalhar deixando uma ordem: nada de sair sozinha. Quando Mariana veio visitá-la, à noite, Aída a recebeu na sala.

– Foi muito feio o que você fez, Mariana.

– Eu?

– Bancar a vela... já soubemos de tudo. A Marcella está saindo com um tal de Emílio, não é? Na outra semana, vocês foram ao cinema do *shopping*. Quem mais foi?

– Também foi o Raul, irmão do Emílio – confessou ela.

– Muito bonito! – eu entrei na discussão. – E quem é esse Emílio?

– Ele... eles se conheceram no baile... Lembra o rapaz que puxou a Marcella da cadeira e a derrubou no chão?

– Esse aí? – nunca fiquei tão surpreso.

– Ele ficou supertriste com o vexame, e me procurou. Eu também achava que era um bobo, mas ele me deu um bilhete, eu entreguei pra ela. A Marcella adorou receber, seu Bruno! Aí, eles me pediram para ajudar a marcar um encontro. Foi após a aula. Depois conheci o irmão dele, e as coisas foram rolando, rolando...



Aída soltou um gemido. Eu estava muito bravo:

— Pois a partir de agora nada mais vai rolar! Mariana, sei que a Marcella gosta muito de você. Não vou proibir que venha à nossa casa, porque você tem sido uma grande amiga. Mas não quero que fique bancando a leva-e-traz de namorados. Entendido?

— Sim, senhor.

Mariana entrou no quarto. Ouvi o zunzunzum das duas conversando a noite toda. Marcella chorava. "Melhor chorar agora do que depois, por motivos piores" — pensei. Eu estava decidido a manter minha proibição.

8. Gilda

Ai, que bafafá, que confusão!

Meus filhos gostam de caçoar de mim, dizendo que sou velha coroca, talvez porque meus cabelos estejam brancos como farinha de trigo. Só que sou mais moderninha que muito jovem que há por aí. Eu fiquei abismada de ver a atitude do Bruno com a Marcella. Onde já se viu, um pai, nos dias de hoje, ficar bravo porque a filha anda se encontrando com um garoto da idade dela? Se fosse muito mais velho, pode ser que eu também não gostasse. Até tentei aconselhar, mais tarde, porque, na hora do rolo, quem abrisse a boca apanhava. Ah, se apanhava! O Bruno estava vermelho como um pimentão e a Aída branca como papel. Eu até pensei: "E a hora da vingança!"

Quando a Aída era garota... que sufoco! Meus primeiros cabelos brancos foram por causa dela. Que namoradeira que era! Não tinha nem saído das fraldas, e já falava em namorar o filho do dono do armazém. Esse negócio de sair das fraldas é modo de dizer, é claro. Mas que era bem novinha, ah, era sim! Depois, quando começou com o Bruno, eu não queria que namorasse fora de casa. Sei que é coisa de gente antiga, mas lá no interior a gente demorou a se acostumar com certas modernidades.

Hoje em dia há muita gente que mora junto sem se casar e nem por isso é mais feliz ou mais infeliz que o resto. O que vale, eu sempre digo, é o que está no coração. Se o coração da pessoa é ruim, não tem papel, não tem assinatura que resolva. Mas, na época, eu pensava de maneira diferente.

Agora, que a Aída também mudou, mudou. Porque quando se falou que a Marcella tinha ido ao cinema com o tal de Emílio, ela ficou louca da vida. Ainda por cima, à noite! Chamaram a Mariana e deram a maior bronca nela.

Eu estava farta daquela história toda. "Eles deviam aplaudir", pensei. "A menina querendo levar uma vida normal, e eles atazanando."

Eu podia ter entrado na briga, mas a resposta eu já sabia. O Bruno era capaz de dizer que sogra não deve meter o bedelho. A vida é assim mesmo. Quando precisam, chamam, fazem agrado. Para cozinhar, eu servia. Para lavar, eu servia. Para trabalhar como uma burra, eu servia. Pra dar palpite, não. Apesar de tudo, eu sentia pena. Coitados!

Eu não agüentava mais ver tanta tristeza naquela casa. Ai, gente, que tristeza! O Bruno trabalhando como um louco varrido. A Aída vendendo perfume, maquiagem, até em boate da cidade. A Marcella presa naquela cadeira. E o Gui preso à Marcella.

"Se cada um puder se libertar do outro, é bem melhor"⁷ – resolvi. Fiquei na minha, como os jovens gostam de falar. Quando a Marcella voltou da aula, no outro dia, eu avisei:

– Fala pra esse moço vir aqui, numa hora em que seu pai não esteja.

– Ahn?

Em vez de proibir, não era melhor conhecer o rapaz?

A Marcella quase me deu um beijo, de tanta alegria. Só sei que ela e a Mariana andaram conversando, e, dali a duas tardes, ela avisou:

– Daqui a pouco ele chega, vó.

Não deu outra. Apareceu na porta um rapaz de cabelo escuro, calça preta, e camiseta sem mangas, que no meu tempo não se usava nem pra dormir. Mas os tempos são outros, não é verdade? E, ainda por cima, tinha uma tatuagem no braço. Um dragão. Assim era o dito-cujo. Pensei em dizer: "Foge, bicho ruim!" – porque aquele dragão tinha caído mal nos meus pensamentos.

Fui até o fim. Dei um sorriso com todos os dentes e disse:

– Vai lá na garagem, que ela tá fazendo exercício. Depois vem pra sala com ela que eu vou fazer um café.

Claro que não tomaram café, mas refrigerante com bolo. Do bolo, eles gostaram. De cenoura, minha especialidade. Enquanto eles conversavam animados, vi que o Gui aproveitou para sair pra rua. Ainda bem. Não agüentava mais ver aquele moleque dentro de casa.

Da cozinha, eu ouvia os dois rindo na garagem. Houve uma hora em que ouvi um barulho. Corri. A Marcella tinha caído, mas ele a estava ajudando a levantar. Não disse nada. Voltei a cuidar do jantar.

O rapaz começou a aparecer quase todo dia. Eu deixava os dois sozinhos. Se fiz mal, não sei, mas que ela parecia diferente, com um jeito de olhar mais bacana, parecia sim. Ria por qualquer coisa. E eu, que desde o acidente pensava: "Minha neta perdeu o sorriso!"

Depois que o Emílio veio, outros amigos começaram a aparecer. A Mariana também, quase todos os dias. O Raul, irmão do Emílio. Umás meninas da escola. Eu descobri por que: adoravam ficar na garagem. Em suas casas, não tinham um lugar só deles para ficar. No quarto, nem todo mundo tem liberdade pra trazer a turma e ficar batendo papo.

Na garagem, era diferente. Eles puseram uns cartazes na parede, com fotografia desses cantores bem malucos que andam por aí. Pintaram uma parede de preto. Como era eu quem limpava, não contei nada para a Aída. Pra quê? Ela sempre chegava cansada de passar o dia vendendo maquiagem.

Havia uma espécie de acordo entre os garotos e eu. Quando começava a entardecer, eles iam embora. Antes da Aída e do Bruno chegarem. Ninguém precisou combinar nada, nem o Gui. Porque ele também parecia mais feliz, saindo todos os dias, brincando com os vizinhos. Fiquei mais contente, ainda, porque o Gui estava voltando a ser quem era. Não ficava trancado com a turma da Marcella, não. Ia se juntar com a molecada da rua e, às vezes, voltava todo suado pra casa.

Não contei, também, pra Aída quando os amigos começaram a se revezar para levar a Marcella pra fisioterapia. O Gui ficou mais livre. Quando estourou a história do bilhete, a Aída insistiu em pegar a Marcella com a perua não só para ir à escola mas também pra fisioterapia. O dinheiro encurtou e ela me fez prometer que tomaria conta. Ela ficou encarregada da escola: iria levar e buscar. Eu e o Gui, da fisioterapia. Dizia que eu deveria ir andando junto, e voltar. Pois sim! Quem iria lavar a roupa? Fazer o jantar?

O Gui ainda foi uns dias. Depois, cada vez ia um dos amigos. O Emílio, principalmente. Como ele gostava da minha neta! Às vezes iam em turma, de dois, de três. O que me importava era ver todo mundo feliz.

Ninguém teria descoberto se não fosse a história do conjuntinho. Acontece que o Emílio e o Raul adoravam tocar música e cantar. Dali a umas semanas, eles trouxeram uma guitarra.



A Mariana gostava de cantar. Enquanto Marcella fazia os exercícios, ensaiavam. Era um barulhão, mas me acostume.. Que posso fazer se, hoje, em vez de música, a turma pretere barulho? O pessoal dizia pra Marcella:

– Sua avó é da pesada!

Eu nem falava nada, porque atualmente parece que "da pesada" é uma coisa boa, e as palavras mudam tanto de significado que nem consigo acompanhar. O que vale é o sorriso, o jeito como a pessoa diz.

Vou dizer a verdade: eu adorava aquela turma. Trouxe uma vida nova pra casa. Tudo ia muito bem, até que aconteceu a confusão.

Eu estava na cozinha, terminando de pôr o jantar na mesa, quando alguém chegou. Ouvi o Bruno abrir a porta.

– Entra, dona Matilde, a Aída está saindo do banho.

– É só um minutinho.

Nem estava pensando em qualquer problema, mas o Gui veio correndo pra cozinha.

– Vó, vai dar rolo!

Nessa hora, eu tive um pressentimento. Ainda quis entender:

– Rolo por quê?

– Hoje de tarde eu ouvi a dona Matilde reclamando do barulho... diz que aqui em casa está cheio de roqueiro maluco.

– Ih!

Sabe quando a gente ouve um trovão e tem certeza de que vem tempestade? O Gui era o trovão. O raio estava caindo. Ouvi perfeitamente quando dona Matilde explicou que o barulho era tão grande que até atrapalhava, e que... foi aí que caiu a tempestade!

– Dona Gilda! Dona Gilda! – gritava Bruno.

Suei frio, ah, se suei frio! Tomei coragem e fui pra sala. O Gui atrás de mim. com os olhos do tamanho de xícaras, de tão assustado.

– Que história é essa de conjuntinhos de música, bando de adolescentes, tudo na minha garagem? E da Marcella ser vista na

rua com pessoas que ninguém conhece por aqui? E do Gui passar a tarde toda brincando com a molecada? Respirei fundo e soltei o verbo:

– Pois são gente muito boa. Faço bolo de cenoura... sanduíches...

– Mamãe, a senhora ficou louca? – gemeu Aída.

Bruno correu até a garagem. Havia uma porta, na sala, que dava direto pra ela. Pela primeira vez, em todo aquele tempo, ele a abriu. Ah, pensei que ia me arrebentar os tímpanos com o grito:

– A garagem parece uma boate!



A parede preta foi o pior. Foi isso que fez o Bruno subir a serra.

– Que tipo de gente vem aqui, dona Gilda?

– Vem gente que gosta da sua filha. É o mais importante.

Dona Matilde, sem jeito, abanava a cabeça. Gui quis ajudar.

– É gente legal, sim, pai. Tem o Emílio, tem o Raul...

– O Emílio? Aquele do bilhete?

– Ele faz tudo pela Marcella, pai! Outro dia trouxe uma garrafa de licor de uva pra ela!

– Licor de uva? A Marcella está bebendo?

Retruquei:

– Só tomou um golinho pra experimentar. A garrafa está guardada na cozinha. Pode ver. Deixa de ser chato, Bruno! Deixa sua filha se divertir.



– E a senhora vê se deixa de ser maluca, dona Gilda. De pois de velha, virou roqueira?

– Não me ofende!

– Eu devia chamar o hospício pra botar a senhora numa camisa-de-força!

– Aída, olha como seu marido está falando comigo!

– Pois eu falo quanto quiser, dona Gilda. Quanto quiser! Eu confiei na senhora! E a senhora virou a rainha da bandalheira! A organizadora da loucura!

Perdi as estribeiras:

– Saiba de uma coisa, seu Bruno. Eu estava lá no interior, sossegada, na minha vidinha de sempre, com meus filhos, cuidando da minha casa. Vocês precisaram de mim e eu vim, feliz, por que faço o que posso por meus filhos e meus netos. Não pense um minuto que vou reclamar, que vou falar que fiz favor. Eu vim por que quis. Mas não é por isso que você tem o direito de falar assim comigo.

– E a senhora não tem o direito de transformar minha casa em boate!

– Boate coisa nenhuma! Só queria que essa casa ficasse mais feliz. Não agüentava mais ver todo mundo triste, todo mundo mergulhado no sofrimento.

– Pois agora, dona Gilda, fique sabendo que não confio mais na senhora. A senhora me traiu e traiu também a confiança de sua filha.

– Por isso não. Não fico onde não me querem. Vou embora agora mesmo.

– Mãe! Não precisa exagerar! – gritou Aída.

– Telefone pro meu filho, e ele vem me buscar ainda esta noite! Vou fazer as malas. Não é exagero, não, Aída. Eu não fico mais um minuto aqui se é pra ver todo mundo se rasgando, se lamentando, sem vontade de melhorar!

Dito e feito. Saí, entrei no quarto, cega de raiva. Peguei uma sacola e atirei minhas roupas. O Gui entrou no quarto correndo.

- Vó!
- Que foi?
- A Marcella está na sala. Quer conversar com todo mundo.
- Agora não tenho tempo.
- Ela pediu pra eu dizer que é muito importante. Vem, vó. Só voltei pra sala por causa da Marcella. E também por curiosidade, é claro. O que ela tinha pra dizer de tão importante?

9. Marcella

Olhei um por um, bem no fundo dos olhos. Era uma situação tão absurda que tive vontade de rir, mas precisava ser séria, bem séria. Nem sabia explicar direito tudo o que estava pensando, mas eu precisava falar. Minha vó tinha sido muito legal, e meus pais não estavam entendendo nada do que estava acontecendo.



— Vocês me tratam como se eu fosse uma incapaz! — comecei.

— Marcella, não diga uma coisa dessas! — mamãe gritou.

— Mas é isso mesmo! Antes do acidente, vocês não ficavam na minha cola o tempo todo. Agora, parece que virei um vaso de cristal. Só falam em cuidar de mim, em me proteger, em...

Papai não me deixou continuar:

— Marcella, você não vai negar que ficou mais frágil. Que está mais exposta a...

— Pai, eu não morri. Está certo, eu virei uma deficiente. Pensa que eu acho legal ser deficiente? Pois não acho não. E horrível não poder sair correndo, jogar vôlei... Mas não morri, pai! Olha, pai, deixa eu falar. Tenho uma porção de coisas pra dizer e, se não falar, meu coração vai explodir, juro!

Vi que meu pai ficou chocado com o meu tom. Eu não estava gritando. Só falando bem sério, porque era a minha chance! Notei que dona Matilde, a vizinha, não sabia o que fazer. Mas era bom ouvir também.

— Sabe o que está no fundo do seu coração, pai? No fundo você acha que ninguém vai gostar de mim porque sou deficiente. Puxa, eu não posso mais andar. Mas minha cabeça voa, pai. Meu coração bate, bate forte.

Continuei falando e eles ficaram num silêncio pesado. Disse uma porção de coisas. Contei que, quando o Bira sumiu, eu também achei que nunca mais alguém iria gostar de mim. Eu amava o Bira, e sofri tanto, tanto!

Naqueles dias, em que eu tinha ficado só deitada na cama, olhando pro teto, eu pensava que minha vida ia ser, para sempre, assim. Deitada, dependendo dos meus pais, do meu irmão.

Quando eu ficasse velha, talvez só tivesse o Guilherme a olhar por mim. E, quem sabe, nem tivesse ninguém. Porque ele poderia se cansar de mim e querer cuidar da própria vida. Eu ficava desesperada só de pensar.

Às vezes, eu lembrava de histórias de pessoas que são deficientes e que, mesmo assim, conseguem ter uma vida, uma profissão. Existe até um cantor, muito famoso, que perdeu uma perna quando criança. Mas eu sentia que isso nunca iria acontecer comigo. Só via tristeza pela frente.

Então, primeiro, surgiu a Mariana. Antes do acidente, achava que ela era uma gorda chata, sempre com um livro debaixo do braço. Quando fiquei na cama, ela começou a me trazer livros, e eu pensei: "Só vai ocupar espaço!" Ela trazia e eu fingia que lia. Afinal, era a única amiga que ia lá e, mesmo que fosse um pouco chata, às vezes falava coisas interessantes.

Um dia, peguei num livro, só para olhar. Não tinha mesmo o que fazer. Abri num trecho e algumas frases despertaram minha atenção. Quando vi, estava mergulhada na história.

A amizade com a Mariana também foi assim. No início, não dava muita importância. Mas foi crescendo, crescendo... e aí ela passou a ser superimportante. Quando não vinha, eu sentia falta.

Foi a Mariana quem me convenceu a ir ao baile.

Até aquela noite, eu fazia as coisas como um robô. Queria que o tempo passasse logo, porque, cada vez que acordava, olhava o dia e pensava: "Eu quero morrer!"

Na fisioterapia, não tinha vontade de fazer nenhum esforço e, às vezes, me diziam: "Se você não quiser, nada vai acontecer".

Resolvi ir ao bailinho por insistência. Mas, quando mamãe fez o vestido branco e eu me olhei no espelho, com o colar de pérolas no pescoço, eu não sei, deu um clic dentro de mim. Eu acreditei em mim!

Adorei ficar na festa, olhando todo mundo dançar, e adorei quando o Emílio apareceu. Foi horrível quando caí no chão. Pensei que o mundo ia acabar. Mas não acabou. A gente vive achando que o mundo vai acabar, mas ele sempre continua!

Na volta do baile, o Gui, a Mariana e eu viemos cantando, e foi como se tivesse se acendido uma fogueira no meu peito. Eu percebi que podia andar pelas ruas — na cadeira de rodas, é claro —, que podia ter minha turma. Na fisioterapia, fui ficando cada



vez mais entusiasmada. Olha, nem sei quantas vezes eu caí quando ia fazer a barra. Mas insistia. Papai me comprou um aparelho de metal que a gente prende nas pernas. Com isso, elas se sustentam. A gente consegue, com muita força, jogando o corpo, voltar a caminhar. Não é uma caminhada como a de alguém que tem duas pernas boas, nada disso. Mas é um progresso.

Aprendi a voltar da escola sozinha, sem depender do Gui nem de ninguém. Normalmente uma amiga me acompanhava. Mas algumas vezes vim sem ninguém. Nas sarjetas mais altas, que a cadeira não vencia sozinha, nunca deixei de encontrar alguém que me desse uma forcinha. O mundo está cheio de gente legal, digam o que disserem.

Aí chegou o bilhete do Emílio. E a gente começou a se encontrar. Era ótimo ir ao *shopping*, porque lá existem rampas, e é mais fácil de se movimentar. Um dia ele pegou na minha mão. A gente conversava muitas coisas bonitas.

Estava com muito medo de me apaixonar, porque com o Bira tinha sido horrível. Mas o Emílio me ensinou a gostar de alguém novamente. As tardes que a gente passava na garagem eram maravilhosas. Porque, enquanto eles tocavam e cantavam, eu fazia meus exercícios na barra. Sem parar. Era de cansar qualquer um. Mas eles me animavam e, ao som da música, era muito melhor do que sozinha. Meus músculos foram se fortalecendo. Não é por nada, mas acho que tenho um corpo bonito graças ao monte de exercícios que faço todos os dias.

Sempre que é possível, o Emílio e eu estamos juntos. Se é namoro, eu não sei. Ainda não dá pra saber. Mas a gente gosta de ficar juntos. É bom ter quem goste da gente. O principal é que eu percebi que a vida estava indo pra frente. Não do jeito que eu pensava, não do jeito que eu tinha sonhado. Se eu pudesse fazer o tempo voltar, é claro que não iria querer ficar paraplégica. Quem quer?

Tenho descoberto muita coisa bonita.

No fundo, acho que eu era uma garota boba. Fiquei diferente, não sei. Descobri um monte de coisas novas: livros, música...

Na clínica de fisioterapia, conheci uma psicóloga. Converso muito com ela e, de vez em quando, penso até em estudar Psicologia mais tarde. Antes, eu nem sabia o que era psicologia!

Perder é difícil. Mas, em vez de ficar chorando o resto da vida, acho que aprendi a ganhar. Então, não é como se tivesse perdido tudo. Eu faço questão de ter minha própria vida. Não quero mais ser a garota de cristal. Quero ter meus amigos, sair. Foi o que expliquei ao meu pai:

– Cada coisa que eu consigo fazer, é como se fosse um tijolinho numa construção. Hoje eu sei que, quando estiver mais velha, não vou precisar que o Gui me sustente. Vou estudar, ter uma profissão. Quem sabe até onde posso chegar? É isso, pai. Ninguém sabe até onde posso chegar. Mas, se passar a vida presa dentro de casa, não vou chegar a lugar nenhum.

Quando terminei de falar, vi que minha mãe estava chorando. Papai, em silêncio. Gui também. Dona Matilde soltou uma lágrima. Aí vovó fez uma coisa prática. Acho que nunca admirei tanto vovó quanto naquele momento! Ela foi até a janela e a abriu. Só isso. Acho que fez isso porque estava calor, mas, quando ela abriu a janela, a luz da rua entrou em casa, e todos olhamos para o céu cheio de estrelas.

A lua estava enorme. Um perfume gostoso da dama-da-noite, que vovó plantou no fundo do quintal de nossa casa, entrou na sala, junto com os sons da rua, da voz de uma vizinha e do choro, ao longe, de uma criança.

Todo mundo ficou comovido. Ninguém tinha palavras naquele momento, mas agora eu sei o que aconteceu. Quando ela abriu a janela, a vida entrou na casa. Não era isso que vovó tinha feito, afinal, todo aquele tempo? Trazido a vida pra dentro de casa?

Eu e meu pai nos olhamos. As lágrimas rolaram pela sua face. Pelas minhas também. Ele se levantou e me abraçou. Ficamos juntos, abraçados, muito tempo. Depois, mamãe se aproximou, chorando também.

– Obrigado, Marcella. Você tem muita coragem – disse papai.

Ninguém precisou dizer mais nada. Dona Matilde saiu. Vovó foi fazer um bolo. Voltei para meu quarto. Também abri as janelas e fiquei muito tempo olhando para as estrelas.

"Eu não posso andar, mas se quiser, eu vô", pensei. "Posso chegar até as estrelas!"

E, pela primeira vez, depois do acidente, eu me senti leve. Leve, muito leve!

10. Gui

Foi assim que tudo mudou.

É claro que minha vida continuou cheia de coisas chatas. Até hoje tenho de acompanhar Marcella em muitas coisas. No ano que vem, vovó vai voltar para o interior, e eu e Marcella vamos dividir os trabalhos da casa. Anda muito cansada, a vovó.

Mamãe precisa continuar trabalhando. Papai está atolado, porque além de tudo entrou no cursinho e, quando tem tempo, fica estudando. Dinheiro pra pagar empregada, nem pensar. Prometi cuidar da limpeza da casa. Também vou fazer as camas e pendurar as roupas no varal. Marcella está aprendendo a cozinhar. Por enquanto, é um horror. Outro dia, ela quis fazer um bolo de abacaxi, mas ficou como se fosse feito de plástico, de tão grudento. Ainda bem que eu tenho mais jeito pro fogão e, pelo menos o arroz, eu já sei fazer. Senão todo mundo pode acabar morrendo de fome! Em compensação, Marcella passa as roupas até ficarem uma beleza. Papai faz questão que ela cuide de suas camisas.

O pessoal continua ensaiando na garagem. Acho que os vizinhos se acostumaram. E Marcella faz exercício na barra dia e noite. Os braços estão bem fortes, e ela já consegue andar pela casa, quando coloca os aparelhos de metal nas pernas e se apóia em duas muletas de metal. O melhor de tudo é que ela e o Emílio estão sempre juntos. Conversam sem parar. Não sei como conseguem ter tanto assunto sem criar calo na língua!

Naquela noite, quando Marcella soltou o verbo, ninguém me deu muita atenção. Costumam achar que sou muito novo pra entender certas coisas. Mas eu entendi muito bem, sim!

Sei que papai e mamãe queriam tratar Marcella como se fosse um vaso que pudesse virar um monte de pedacinhos de uma hora pra outra. Pior ainda, eu é que devia carregar o vaso com todo o cuidado enquanto eles trabalhavam. Imaginem, carregar um vaso daquele tamanho!

A Marcella não queria ser um vaso. Ela sempre gostou de ser gente. Sempre teve muitos planos. Antes, ela só falava no vôlei. Agora, pensa em escrever um livro. Também está aprendendo a pintar. É como se ela continuasse com a mesma força, só que em coisas diferentes. Ainda bem. Enquanto ela esteve presa, eu também fiquei preso. A falta de dinheiro era horrível, sim. Mas o pior era não ter mais nem um minutinho pra ver meus amigos, pra brincar! E também pra pensar nas minhas coisas. Quando a gente passa por tanta coisa difícil, aprende a pensar. Deixa de ser bobo em muitas coisas.

Marcella queria ter uma vida como tinha antes. De um certo modo, tinha aprendido a andar novamente. É isso aí, ela tinha descoberto um jeito de andar! Ficou livre! Quando ela ficou livre, eu fiquei também.

A vida nunca mais foi como antes, mas é uma vida cheia de coisas boas.

Naquela noite, depois que ela falou, falou e falou, vovó abriu a janela. Todos olhamos para o céu cheio de estrelas. De repente, lembrei também de uma aula que eu tive, quando olhei no microscópio. O professor pôs um pedaço de vidro, com uma manchinha, no microscópio. Olhando a manchinha, a gente não dava nada por ela. Mas, no microscópio, deu pra ver tantas coisas que eu nem poderia descrever. O microscópio aumentava a mancha tanto, tanto, que a gente descobria um mundo lá dentro!

Olhando as estrelas de longe, eu pensei: "E se eu tivesse um microscópio para observar as estrelas? Quer dizer, um telescópio?" De longe, elas parecem todas iguais, mas, chegando perto, acho que eu descobriria as diferenças de cada uma. Quem sabe, uma é torta. Na outra, falta um pedaço. A outra é mais apagada.

Estrelas, estrelas, estrelas! Pensei muito nelas. Talvez elas sejam como a gente. Quando olho pras pessoas que não conheço direito, parece que tudo está bem, que tudo está certo. Que só eu, minha irmã e meus pais temos problemas tão difíceis. Que a vida dos outros é tranqüila. Que todos são iguais, como as estrelas que a gente vê de longe. Mas, se a gente se aproxima, como quando olhei a mancha no microscópio, ah, nem se fala! É outra história.

Quando as estrelas entraram pela janela, foi nisto que pensei.
"Que a gente é como um pedaço da noite. De longe, estrelas
perfeitas. De perto, estrelas tortas!"



FIM



WALCYR CARRASCO

ESTRELAS TORTAS

NOME:.....
SÉRIE:..... NÚMERO:.....
ESCOLA:.....

ORIENTAÇÃO DE LEITURA

PERSONAGENS

1. Neste livro temos a história contada por todas as personagens, cada uma delas dando o seu ponto de vista sobre os acontecimentos. Quem são essas personagens?

.....
.....
.....
.....
.....

2. Relacione os pensamentos aos personagens:

"Marcella era minha companheirona, vivia me protegendo.".....

"Todos sofriam naquela casa, e, de repente, eu estava ali, de pé, e seria vergonhoso bancar a ofendida e sair correndo para nunca mais voltar."

.....
.....

"Decidi que iria até a casa dela sempre que pudesse. E tem mais: nunca deixaria de levar flores. Prometi a mim mesmo ser um cara legal.".....

"Por algumas horas esqueci a dor, a dureza do meu trabalho, vendendo produtos de beleza na boate, enfim... voltei a me sentir como se fosse aquela garota recém-casada de anos atrás."

"Fui para um canto... se pudesse, ficaria invisível. Eu estava de carona com meu irmão mais velho, e não tinha como sair de lá."

"Como Marcella se atrevia a trocar bilhetes e a nos enganar? A dizer que voltava das aulas com as amigas, quando provavelmente estava se encontrando com o rapaz?"

"Enquanto Marcella fazia os exercícios, ensaiavam. Era um barulhão, mas me acostumei. Que posso fazer se, hoje, em vez de música, a turma prefere barulho?"

"Não quero mais ser a garota de cristal. Quero ter meus amigos, sair."

A HISTÓRIA

1. Como era Marcella antes do acidente que a deixou parálitica?

.....
.....
.....
.....
.....

2. Como Mariana contribuiu para que a amiga não se sentisse tão triste com seu estado?

.....
.....
.....
.....
.....

3. Por que Bira não conseguiu cumprir o que prometera a si mesmo?

.....
.....
.....
.....
.....

4. Como foi que Marcella conheceu Emílio?

.....
.....
.....
.....
.....

5. Apesar do incidente ocorrido no baile, Marcella voltou tranqüila para casa. Por quê? Podemos afirmar que o incidente contribuiu para melhorar a vida da garota? Em que sentido?

.....
.....
.....
.....
.....

6. Você acha que as preocupações de Bruno (quando soube de Emílio) em relação à filha tinham razão de ser? Por quê?

.....
.....
.....
.....
.....

7. De que forma a avó, dona Gilda, colaborava para que sua neta vivesse normalmente?

.....
.....
.....
.....
.....

8. Explique por que Gui compara a vida das pessoas com um pedaço da noite.

.....
.....
.....
.....
.....

REFLEXÃO

Marcella provou em sua história que tem vontade de viver. O fato nos leva a uma reflexão sobre os problemas que muitos deficientes físicos enfrentam. Numa cidade grande, por exemplo. Pense nisso e elabore uma lista de medidas que poderiam ser tomadas para facilitar a vida dos deficientes físicos. Siga o roteiro:

a) Lazer – Os locais de lazer como cinemas, *shoppings*, praças devem ser adaptados? Como?

.....
.....
.....
.....
.....

b) Trabalho – Os deficientes físicos podem exercer trabalhos remunerados? De que tipo?

.....
.....
.....
.....

c) Esporte – É possível que os deficientes desempenhem atividades esportivas? Como?

.....
.....
.....
.....

REDAÇÃO

Escreva um texto em que você dialoga com Marcella. O que você perguntaria para ela? Imagine o que a garota poderia lhe dizer.

ESCREVA PARA O AUTOR

Você gostou de ler este livro? Escreva para o autor e mande sua opinião. Envie sua carta para:

Walcyr Carrasco

a/c Editora Moderna

Rua Padre Adelino, 758 - Belenzinho

CEP 03303-904 - São Paulo

Caixa Postal 45.364